

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

MARIA DANIELA LEITE DA SILVA

**SANGRIA: ENTRE CICLOS FEMININOS E FLUXOS DISCURSIVOS,
ATRAVESSAMENTOS HISTÓRICOS E DE RESISTÊNCIA**

**Porto Alegre
2020**

MARIA DANIELA LEITE DA SILVA

**SANGRIA: ENTRE CICLOS FEMININOS E FLUXOS DISCURSIVOS,
ATRAVESSAMENTOS HISTÓRICOS E DE RESISTÊNCIA**

Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem
apresentada como requisito para obtenção do título de
Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Solange Mittmann

**Porto Alegre
2020**

CIP - Catalogação na Publicação

Leite da Silva, Maria Daniela
Sangria: Entre ciclos femininos e fluxos
discursivos, atravessamentos históricos e de
resistência / Maria Daniela Leite da Silva. -- 2020.
106 f.
Orientador: Solange Mittmann.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Análise do Discurso. 2. Estudos Discursivos. 3.
Feminismo. 4. Estudos de Gênero. 5. Poesia Feminista.
I. Mittmann, Solange, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Maria Daniela Leite da Silva

**SANGRIA: ENTRE CICLOS FEMININOS E FLUXOS DISCURSIVOS,
ATRAVESSAMENTOS HISTÓRICOS E DE RESISTÊNCIA**

Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem,
apresentada como requisito para obtenção do título de
Mestre pelo Programa de Pós - Graduação em Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 22 de abril de 2020.

Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rita Terezinha Schmidt

Profa. Dra. Doris Maria Luzzardi Fiss

Profa. Dra. Nádia Régia Maffi Neckel



ATA PARA ASSINATURA Nº 1223
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Letras

Programa de Pós-Graduação em Letras
LETRAS - Mestrado Acadêmico
Ata de defesa de Dissertação

Aluno: Maria Daniela Leite da Silva, com ingresso em 30/08/2017

Título: **Sangria: entre ciclos femininos e fluxos discursivos, atravessamentos históricos e de resistência**

Orientador: Profª Drª Solange Mittmann

Data: 22/04/2020

Horário: 13:30 Local: BANCA VIRTUAL

Banca Examinadora	Origem	Doris Maria Luzzardi Fiss	UFRGS
Rita Terezinha Schmidt	UFRGS	Nádia Régia Maffi Neckel	UNISUL

Porto Alegre, 22 de abril de 2020

Membros	Assinatura	Avaliação
Rita Terezinha Schmidt		Aprovado
Doris Maria Luzzardi Fiss		Aprovado
Nádia Régia Maffi Neckel		Aprovado

Nota da Banca: Trata-se de um trabalho belíssimo, forte e necessário, no qual a banca percebe um fazer analítico rigoroso no que diz respeito à mobilização dos conceitos da Análise do Discurso. Apresenta força estética, bem como pertinência acadêmico-científica, cultural e política.

Conceito Geral da Banca: (A) (A,B,C ou D) Correções solicitadas: () Sim (X) Não

Observação: Esta Ata não pode ser considerada como instrumento final do processo de concessão de título ao aluno.

Aluna

Orientadora

*Pela maior parte da História, "anônimo" foi uma
mulher.
Virginia Woolf*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Solange Mittmann, por toda a paciência, empenho e sentido prático com que sempre me orientou neste trabalho e em todos aqueles que realizei durante os seminários do mestrado. Muito obrigada por me ter corrigido quando necessário sem nunca me desmotivar.

Agradeço também às contribuições inestimáveis das professoras Luiza Milano e Luciene Jung. Ambas, cada uma em sua área de estudos, proporcionaram conhecimentos, e seus desdobramentos foram essenciais à confecção deste trabalho.

Desejo igualmente agradecer aos meus colegas de Mestrado em Análise do Discurso, especialmente à Carla Maicá, Roberta Rosa e Bianca Damascena, cujo apoio e amizade estiveram presentes em todos os momentos.

À minha mãe, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. À minha amiga Geordana, pelas trocas e sua valiosa presença em minha vida. Ao Tocary, que proporcionou generoso suporte à minha pesquisa, através das inúmeras obras com as quais me presenteou.

Por último, quero agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Programa de Pós-Graduação em Letras, que oportunizaram a realização deste estudo.

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa concedida.

RESUMO

Esta dissertação, fundamentada na Análise de Discurso pecheuxtiana, enceta reflexões sobre discursos relacionados ao universo feminino, tendo sua trajetória timoneada por temas trabalhados pelo feminismo no ponto em que cruzam com o percurso cíclico-discursivo da obra *Sangria*, de Luiza Romão. A obra estudada nos instiga a pensar sobre o rigor pelo qual os corpos femininos são submetidos e o quanto as exigências sociais os oprimem. Diante de imagens de fragmentos de um corpo premidos por trancas, costurados por fios, sobrepostos por lâminas ou perfurados por agulhas, somos chamados a abandonar o estado da indiferença. A impressão que essas imagens nos causam embrenha os efeitos de sentidos penetrando em espirais de memória onde (re)visitamos embargos históricos sobre as manifestações das subjetividades femininas. Além disso, a transgressividade de alguns poemas, denuncia a interdição a determinadas palavras relacionadas à genitália feminina, o que nos permite questionar as razões de tal interdição quando a comparamos, por exemplo, à abundância sinonímica de usos que envolvem uma ‘suposta potência’ ligada à genitália masculina. Assim, refletimos sobre o modo como os discursos sobre o feminino podem se abrir a diferentes possibilidades analíticas, desacomodando e desafiando, a um só tempo, a lógica que prevê a transparência e a estabilidade de sentidos. Vemos na leitura de *Sangria* um espaço para o questionamento sobre formas pelas quais as mulheres foram e continuam a ser significadas. Como fundamentação teórica na condução das análises, recorreremos a noções trabalhadas pela Análise do Discurso como: condições de produção, memória, pré-construído, formações discursivas, entre outras. E com elas é que, em meio às dispersões de discursos e sentidos aos quais a obra nos remete, perseguimos as regularidades que ‘falam’ através de negações, transgressões, ironias, luzes, sombras etc. E no que se refere às análises da materialidade imagética, consideramos que ela ‘sobre-excede’ as evidências visuais de ordem ideológica, frequentemente impostas a nossos olhares.

Palavras-chave: Sangria. Luiza Romão. Poesia feminina. Feminismo. Resistência. Corpo feminino.

RÉSUMÉ

Cette thèse, basée sur l'analyse du discours pêcheuxien, amorce des réflexions sur les discours liés à l'univers féminin, dont la trajectoire est rythmée par des thèmes travaillés par le féminisme au point où ils se croisent avec la voie cyclico-discursive de l'œuvre brésilienne Sangria, de Luiza Romão. L'œuvre étudiée nous incite à réfléchir à la rigueur avec laquelle les corps féminins sont soumis et à quel point les exigences sociales les oppriment. Face à des images de fragments de corps pressés par des mèches, cousus par des fils, superposés par des lames ou percés d'aiguilles, nous sommes appelés à abandonner l'état d'indifférence. L'impression de ces images s'enferme dans les effets des sens pénétrant les spirales de la mémoire où l'on (re)visite les embargos historiques sur les manifestations des subjectivités féminines. De plus, la transgressivité de certains poèmes dénonce l'interdiction de certains mots liés aux organes génitaux féminins, ce qui nous permet de questionner les raisons d'une telle interdiction lorsque nous la comparons, par exemple, à l'abondance synonymique des usages qui impliquent un "pouvoir supposé" lié aux organes génitaux masculins. Ainsi, nous réfléchissons à la façon dont les discours sur le féminin peuvent s'ouvrir à différentes possibilités analytiques, gênant et défiant, à la fois, la logique qui assure la transparence et la stabilité des significations. Dans la lecture de Sangria, nous voyons un espace pour questionner la manière dont les femmes étaient et continuent d'être signifiées. Comme fondement théorique pour les analyses, nous avons utilisé des notions développées par l'analyse du discours telles que: les conditions de production, la mémoire, les pré- construites, les formations discursives, entre autres. C'est avec eux que, au milieu des dispersions de discours et de significations auxquelles Sangria fait référence, nous poursuivons les régularités qui "parlent" à travers les dénis, les transgressions, les ironies, les lumières, les ombres, etc. Et par rapport à l'analyse de la matérialité de l'imagerie, nous considérons qu'elle «dépassé» les preuves visuelles d'un ordre idéologique, souvent imposée à nos yeux.

Mots-clés: Sangria. Luiza Romão. Poésie féminine. Le féminisme. Résistance. Corps féminin.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Cólica	14
Imagem 2 - Lútea	16
Imagem 3 – Pílula 4.....	33
Imagem 4 – Fadiga	46
Imagem 5 – Idioma Materno	60
Imagem 6 – Menstruação	62
Imagem 7 - Recortes 1,2,3,4 compõem a imagem 6	66
Imagem 8 – Composição das imagens Menstruação, L’Origine du monde, Maçã Vagina Dentada e The touch of fur	67

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: ENTRE REGRAS, EMBARAÇOS, CHICOS E CATAMÊNIOS: AS INFLUÊNCIAS E CONFLUÊNCIAS DISCURSIVAS EM SANGRIA	13
1 AS ONDAS FEMINISTAS E SUAS RELAÇÕES COM SANGRIA	20
1.1 AS PARTICULARIDADES DA PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO NO BRASIL	20
1.2 OS ECOS DA SEGUNDA ONDA FEMINISTA EM TERRAS BRASILEIRAS.....	24
1.3 O RECONHECIMENTO E AS DEMANDAS DA TERCEIRA ONDA DO FEMINISMO NO BRASIL .	27
1.4 A QUARTA ONDA FEMINISTA E SUA INTERLOCUÇÃO COM A CONTEMPORANEIDADE.....	28
2 O OLHAR PARTICULAR DA ANÁLISE DO DISCURSO	31
2.1 A SINGULARIDADE DO PENSAMENTO DE MICHEL PÊCHEUX SOBRE A LÍNGUA.....	31
2.2 DA LÍNGUA EM PÊCHEUX À LÍNGUA EM SANGRIA.....	32
2.3 A MATERIALIDADE HISTÓRICA DO DISCURSO.....	33
2.4 A MATERIALIDADE DISCURSIVA.....	37
3 DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO À METÁFORA	42
3.1 REFAZENDO O CAMINHO TEÓRICO DE PÊCHEUX.....	42
3.2 AS POSSIBILIDADES DE METÁFORA EM ENTRELAÇAMENTO COM AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO EM SANGRIA	45
4 DE COMO OS DISCURSOS RESSIGNIFICAM EM SEU RETORNO	53
4.1 AS MEMÓRIAS QUE SUSTENTAM OS SENTIDOS EM SANGRIA	53
5 O QUE OS OLHOS VEEM E O CORPO SENTE	62
5.1 A MATERIALIDADE VISUAL EM SANGRIA E SUAS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS....	62
6 OS JOGOS DE FORÇAS E DE SENTIDOS QUE ENCONTRAM NO CORPO FEMININO SUAS FORMAS DE SIGNIFICAR	71
6.1 FORMAÇÕES DISCURSIVAS: QUEM DIZ VULVA NÃO DIZ VAGINA, QUEM DIZ VAGINA NÃO DIZ BUCETA	71
6.2 IDEOLOGIA E IMAGINÁRIO: AS FALHAS NO RITUAL.....	80
7 PARÁFRASE E POLISSEMIA	84
7.1 DO PAU-BRASIL AO PAU HEGEMÔNICO: A INQUIETAÇÃO MANIFESTA NO MANIFESTO DISCURSIVO DE SANGRIA.....	84
8 QUANDO VIREI MOCINHA: ENTRE OS EFEITOS DO PRÉ- CONSTRUÍDO E DO DISCURSO TRANSVERSO	90
POR UM EFEITO DE CONCLUSÃO.....	95
REFERÊNCIAS	98
ANEXOS	104

INTRODUÇÃO: ENTRE REGRAS, EMBARAÇOS, CHICOS E CATAMÊNIOS: AS INFLUÊNCIAS E CONFLUÊNCIAS DISCURSIVAS EM SANGRIA

Ser mulher é sangrar. Para dentro, para fora, dentro ou fora do tempo estabelecido. Sob forma hemorrágica ou de escapes, as mulheres sangram. Sangrar é uma das maneiras de se constituir mulher, é ser atravessada por fluxos onde os sentidos deslizam por cavidades próprias ao universo feminino. Esgueirar-se entre cavas talvez seja menos uma metáfora para as mulheres do que o meio que encontraram para significarem a si.

Sou terra que absorve a seiva

A barragem prestes a eclodir

SEI SANGRAR POR MIM MESMA

Meu útero é uma bomba

E não precisa de fósforo

Para explodir¹

Durante muito tempo, para se compreender o sangramento fisiológico e emocional que acomete a maioria das mulheres de mês a mês na propalada e difícil jornada que compõe a fertilidade, nós precisamos nos valer dos olhares dos homens sobre nossos corpos, já que historicamente lhes foi dada a primazia do pensamento crítico. Da execração à dissecação, da repugnância ao sagrado, tem sido atribuída aos homens a legitimidade de se ocuparem e discursivizarem os corpos femininos, seus fluidos e tudo que lhes condiz. Os versos a seguir – bem como todos os outros trazidos para este trabalho – incitam nossa análise que vê no estiolamento feminino um fato histórico. Eles fazem parte do livro *Sangria*, de autoria de Luiza Romão. A obra mobiliza diferentes discursos utilizando como fio condutor o calendário do ciclo menstrual. Através de costura discursiva propomos examinar o permeio de heterogeneidades entre os dizeres, donde procuramos destacar o atravessamento e engajamento dos discursos feministas observáveis em *Sangria*:

Ventosas na coluna vertebral

¹ Poema de Luiza Romão, correspondente ao 27º dia do ciclo menstrual, intitulado *Sangria*

Para Hipócrates

Tudo era uma questão de humor

O fígado vertendo em bile Aquilo que foi soco

Que foi baixa-a-cabeça Tanque-louça-colchão²

A premissa de que nem sentidos nem discursos são fixos nos mostra que foi na movência que os caracteriza que as mulheres encontraram dutos para escoar o próprio pertencimento. A custa de vida, de dor e de sangue. Linfa e linhagem em um curso que foi e permanece sangrento. Os sentidos sofreram deslizamentos, sendo que muitos deles lograram dos homens algumas certezas.

Imagem1 - acompanha o poema do *dia 17*, intitulado *Cólica*



Fonte: *Sangria* (2017) Imagem que
Foto: Sérgio Silva

Atualmente, o entreperna feminino se esforça por (re)negar a posição de mero receptáculo para jorros hedonistas e egoístas. As mulheres vêm (re)descobrando sua força motriz, e já desde a antiguidade³ digladiam socialmente com imposições de ordem biológica e

² Poema de Luiza Romão, correspondente ao 27º dia do ciclo menstrual, intitulado *Sangria*

³ Nas cidades medievais, as mulheres trabalhavam como ferreiras, açougueiras, padeiras, candeieiras, chapeleiras, cervejeiras. No século XIV, as mulheres também estavam tornando-se professoras escolares, bem

cristã, entre as quais citamos o patriarcado⁴. O fruto desse redescobrimento vem apresentando ao mundo a potência feminina com amplitude pontuada por intensidade e vigor.

“será vermelho seu caminho

Pisado quando roxo

Sempre novo

Mês a mês

Por entre as pernas

Escorrerão as partes”⁵

A resposta feminina aos enquadramentos estereotipados tão ao gosto burguês, sobretudo os do século XIX tomou forma de ondas feministas. Coletividades tímidas, pouco a pouco e cada uma a seu modo, elas reverberaram condições de produção determinadas pela sua época. Mulheres principiaram movimentos de insurgência contra os discursos chancelados socialmente. Foi através de desvios históricos marcados pela contradição discursiva que muitas encontraram um atalho para a subversão.

Pra mocinha não levo jeito

Falta mão

Sou seios livres

Sem fotodepilação

Dos saltos

como médicas e cirurgiãs, e começavam a competir com os homens formados em universidades, obtendo em certas ocasiões uma alta reputação.

⁴ “Patriarcado” é uma palavra muito antiga, que mudou de sentido por volta do fim do século XIX, com as primeiras teorias dos “estágios” da evolução das sociedades humanas, depois novamente no fim do século XX, com a “segunda onda” do feminismo surgida nos anos 70 no ocidente. Nessa nova acepção feminista, o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres. Essas expressões, contemporâneas dos anos 70, referem-se ao mesmo objeto, designado na época precedente pelas expressões “subordinação” ou “sujeição” das mulheres, ou ainda, “condição feminina” (DELPHY, 2009).

⁵ Poema correspondente ao 9º dia do ciclo menstrual, intitulado *1ª Menstruação*

Só conheço os que me fazem voar

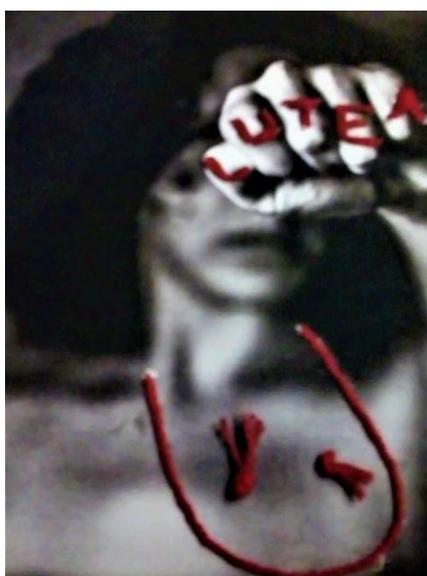
Tenho fúria muita

E infâmia sem pesar⁶

A insurreição feminina foi e continua sendo algo difusa tanto quanto suas sexualidades também o são. Para ser mulher há de se escapar a quaisquer definições. Não é a partir do aprisionamento de uma genitália ou comprimento de saia que as mulheres irrompem. É possível ser mulher em qualquer corpo, pois é no gesto que nos manifestamos e nos constituímos. Não nas interpretações que de nós possam ser feitas. É no fugidio que se abriga, se mostra, se esconde e escapa o feminino.

No solo humoso que constitui e caracteriza, as mulheres edificam seus corpos, suas casas. Um movimento que arroga o pertencimento outrora negado. O corpo lúteo, no texto promovido pela imagem a seguir ganha reforço da vogal *a*, designação que linguisticamente indica o gênero feminino na Língua Portuguesa. O punho cerrado conclama a lutar. *Lutea* – Lutemos nós por esse corpo que antes de ser lúteo, é nosso!

Imagem 2 - acompanha o poema do *dia 28* intitulado, *Lútea*



Fonte: Sangria (2017)

Foto: Sérgio Silva

⁶ Outro trecho do poema correspondente ao 9º dia do ciclo menstrual que leva o nome da obra Sangria.

Norteiam nosso trabalho reflexões sobre as práticas compreendidas como processos discursivos que levam a efeitos de sentido relacionados ao universo feminino. Envoltas por essa atmosfera, trabalhamos sobre a obra *Sangria* de Luiza Romão, onde solo (Brasil) e corpo feminino se imbricam e se enlaçam, e da fecundidade de ambos brotam versos e imagens com possibilidades de interpretações tão dispersas quanto ricas.

Mais que nuvem

Menos que pedra

*Uma mulher não é uma estrada*⁷

É no seio de um aparato teórico pensado por uma mente masculina (mas não só) que lançamos as bases para as reflexões que aqui propomos. Michel Pêcheux foi um contestador. Seu gesto de resistência, apesar de não se deter em nuances de estudos de gênero ou sexualidade nos deixou como herança o questionamento como pré-requisito fundamental diante de qualquer imposição de fixidez dos sentidos. É como se depois que o lêssemos, estivéssemos sempre ouvindo sussurros a nos dizer: este caminho é o único possível? Cuidado! As certezas podem aprisionar!

A partir dos estudos em Análise do Discurso de viés pecheuxtiano, percebemos a importância da insubordinação como gesto. Especialmente, quando se trata de questionar imposições sociais tomadas como “naturais”. Nosso trabalho pretende analisar os efeitos de sentido ideologicamente atrelados ao feminino observáveis em *Sangria*, levando em consideração a dispersão dos sentidos e sua a descontinuidade na história. Assim, é no processo que compreende historicidade, ideologia e social em conjunto e concomitância que iniciamos nosso passeio pela obra. Esperamos que nossas análises possam suscitar reflexões, fomentando desdobramentos críticos importantes àqueles que se interessam pelos discursos e seus efeitos.

No primeiro capítulo, propomos um mergulho pelas quatro ondas feministas com vistas a observar sua ressonância nos textos de *Sangria*. Situada junto ao que usualmente é caracterizado como quarto levante histórico de manifestações feministas, a obra de Romão tem sua propagação assegurada pelo surgimento da Internet, assim como a maioria das

⁷ Poema correspondente ao 5º dia do ciclo menstrual, intitulado *Local de Nascimento*

manifestações feministas da atualidade.

O segundo capítulo traz as contribuições teóricas sobre a língua como materialidade maleável de sentidos, embasada por uma proposta de análise que não se prende a uma relação termo a termo. A língua que apresentamos produz os deslizamentos de sentidos e a partir deles urdimos nosso estudo. Aguçamos nosso olhar às particularidades dos textos que compõem *Sangria*, e na sequência, articulamos teoria e prática analítica, especificamente no ponto onde história e língua se cruzam.

No terceiro capítulo damos destaque à noção de condições de produção, procurando entendê-la para além dos contextos imediatos, onde a historicidade, juntamente com o trabalho da ideologia produz a ilusão de transparência aos sentidos. Nesse ínterim, mobilizamos o conceito de metáfora, observando suas possibilidades em *Sangria*.

O quarto capítulo é dedicado à memória discursiva e suas singularidades, já que aqui essa noção se distingue de uma concepção que atrela memória a meras reminiscências cognitivas. Refletimos sobre a questão dos enunciados divididos, detendo nossa atenção sobre questões atinentes aos implícitos. O deslocamento da ótica eminentemente linguística em direção aos processos discursivos revela para a análise a importância da noção de pré-construído, onde a materialidade da língua deixa à mostra as disputas que a ideologia pretende apagar.

No quinto capítulo, aprofundamos nosso estudo diante de processos de análise discursiva que envolvem imagens. Detemo-nos sobre a materialidade visual que ilustra a capa de *Sangria*. Através de um recorte sobre essa imagem, chegamos a quatro outras imagens que nos conduzem a textos distintos, sendo, portanto, vias de acesso a discursos. Ainda no mesmo capítulo, em outra análise, estabelecemos cruzamentos históricos e sociais com outras imagens que retratam vaginas sob diferentes ângulos discursivos, dentre os quais citamos o discurso artístico, o discurso da moda e o discurso feminista hodierno.

No sexto capítulo abordamos a noção de formação discursiva, primeiramente sob o ponto de vista do surgimento e instauração do conceito, depois examinando o deslocamento teórico operado por Pêcheux em relação ao que postulou Foucault sobre essa noção. Elegemos trechos do poema *Cólica* referentes ao 17º dia do ciclo menstrual e problematizamos os usos da palavra *buceta* presente no poema, suas interdições de cunho ideológico e social. A seguir

trazemos interdições semelhantes para os usos de palavras com sentidos próximos, caso dos vocábulos *vulva* e *vagina*. Questões relacionadas ao silêncio também são mobilizadas, donde percebemos o movimento que oscila entre o silêncio constitutivo e o de censura. O que pode e deve ser dito e o que não pode e nem deve ser dito nos encaminha a indagações ligadas à ideologia e ao imaginário.

No sétimo capítulo, tomando os mesmos versos trabalhados no capítulo anterior, situamos falhas no ritual discursivo, momento em que a interpelação ideológica impede a pronúncia da palavra *buceta* sem um provável gaguejar.

Como as formas de nomear são numerosas e variadas em *Sangria*, o oitavo capítulo se mantém sobre esse eixo relacionando casos de paráfrase e polissemia. No trecho do poema *Nome Completo*, relacionado ao primeiro dia do ciclo menstrual, há uma série de nomeações que elencam os tipos de *paus* com os quais nos deparamos cotidianamente. Realizamos um cotejo entre nomeações como pau-a-pique, pau-de-selfie, pau-de-arara, e a alusão a uma dominação fálica, em uma lógica monossexual. Os funcionamentos linguísticos parafrásticos e polissêmicos favorecem o equívoco entre as nomeações, perfurando a rede de sentidos e tornando os *paus* concomitantemente parafrásticos e polissêmicos. O jorro dos sentidos, sob os quais esse termo se encontra submerso, faz da saturação linguística uma forma de silenciamento das subjetividades femininas.

Do intrincamento entre questões tidas outrora como *femininas* e de como elas se apresentam no corpus dessa dissertação, temos o mote do nono capítulo. Através do verso “pra quando virei mocinha”, recorreremos às noções de pré-construído e discurso transversal para analisar como discursos de distintas temporalidades mantêm diálogo com os sentidos atribuídos ao termo *mocinha* na contemporaneidade.

Por fim, observamos na lâmina (dos textos imagéticos e das transgressões linguísticas) aquilo que faz sangrar a obra de Romão e lhe confere o status poético. A sutura entre os discursos se dá por um movimento de sentidos que subjaz a superfície linguística, não carece de regularidades, nem pode ser aprisionado com palavras.

1 AS ONDAS FEMINISTAS E SUAS RELAÇÕES COM SANGRIA

Tomar como objeto de estudo manifestações feministas é tratar de um tema plurissignificativo e, por isso mesmo, complexo. Não ignoramos o fato de que existam autoras⁸⁸ que preferiram trabalhar com *feminismos*, por acreditarem que a forma plural promova o devido “reconhecimento e a valorização de cada aspecto particular como uma grande riqueza para o movimento” (MOURA, 2018, p.65). Contudo, optamos pelo uso do *feminismo* no singular por enxergar, nesta expressividade, sentidos que abrigam objetivos comuns a todas as formas de reivindicação feministas das quais temos conhecimento, quais sejam: “a luta pela igualdade entre os gêneros, pela ressignificação do papel da mulher na sociedade e pela emancipação e autonomia das mulheres” (MOURA, 2018, p.65). Esse *feminismo* singularizado ao qual recorreremos é, para nossas análises, mais produtivo, na medida em que considera o equívoco como parte constitutiva dos acontecimentos com os quais propomos um diálogo com *Sangria*. Deter nosso olhar sobre diferentes contextos nos quais a mulher brasileira é apresentada em *Sangria* exige um esforço que tem na (res)significação dos acontecimentos mais que uma escolha. “O passado está localizado em todos os espaços, sejam públicos ou privados; onipresente ao ponto de não o distinguirmos, tão exposto ao olhar que escapa à ordem do visível.” (CARRETERO, 2010, p. 31). Nosso estudo, entretanto, não busca uma relação de causa e efeito. Ainda que comumente se pense em evolução como ruptura com o passado de modo sequencial e sem falhas, é a partir delas que escrutinamos os discursos pelos quais somos capturados. Desde a filiação teórico-analítica na qual estamos inscritos, as contradições que recobrem as representações femininas desafiam nosso olhar, e o incômodo que provocam instiga nosso gesto de análise.

1.1 AS PARTICULARIDADES DA PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO NO BRASIL

A primeira onda feminista costuma ser historicamente associada à reivindicação das mulheres pelo direito ao voto. Na Europa e mais tardiamente no Brasil, este foi o evento escolhido como símbolo das manifestações que deram início às lutas femininas rumo à conquista de representatividade em espaços públicos, até então preponderantemente ocupados por representantes do sexo masculino. “Na segunda metade do século XIX, as primeiras

⁸ CASTRO, 2000; COSTA e SARDENBERG, 2008; RAGO, 2006; SOIHET, 2006, dentre outras.

movimentações se resumiam a um seleto grupo de mulheres da elite brasileira que, a partir de sua participação no movimento abolicionista, passaram a editar jornais que exigiam a emancipação feminina.” (AZEVEDO, MEDRADO & LYRA, 2018). As primeiras manifestações brasileiras de engajamento feministas foram dadas por mulheres ligadas às letras⁹, tendo como uma de suas precursoras Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885). O feminismo de Nísia foi, em grande parte, importado da Europa, porém seus desdobramentos buscaram contemplar contextos e condições de produção inerentes à brasilidade. Conforme Costa e Sardenberg (2008, p. 25):

Nísia Floresta é importante principalmente por ter colocado em língua portuguesa o clamor que vinha da Europa, e feito a tradução cultural das novas ideias para o contexto nacional, pensando na mulher e na história brasileira. Ao se apropriar do texto europeu para superá-lo, ela se insere numa importante linhagem antropofágica da literatura brasileira, que desde Gregório de Matos estava inaugurada. Na deglutição geral das ideias estrangeiras, era comum promover-se uma acomodação das mesmas ao cenário nacional, e é o que ela faz.

A proposta feminista que compreende a primeira onda no Brasil, não escapou de rótulos pejorativos. O conservadorismo dos discursos que dominavam a época¹⁰ pregava que “a mulher se tornaria fria, mundana, imoral e estaria fugindo do que foi ‘estabelecido pela natureza’ caso se tornasse feminista” (VANIN, 2011, p.167), numa demonstração clara de resistência por parte da classe dominante e que viria a se incorporar ao senso comum¹¹. O imaginário prescritivo de “mulher ideal” não cerceou apenas àquelas identificadas com o feminismo, mas a todas em diferentes planos sociais. Dele podemos encontrar ressonâncias nos versos do poema do *dia 6*, intitulado *Nome da Mãe*:

⁹ Foi esse o resultado da urbanização: a mulher burguesa, não menos servil que a senhora de engenho, porém mais culta

¹⁰ Durante o século XIX, a sociedade brasileira sofreu uma série de transformações, como a consolidação do capitalismo e o incremento de uma vida urbana que oferecia novas alternativas de convivência social. Surge nesse período uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade.

¹¹ Foram séculos de modelagem. Na forma, a figura da esposa. Não a real, mas a ideal. Submissa, obediente, discreta. A mulher certa. Apenas ela merecia ser a mãe dos filhos, a santa no altar doméstico.

de uma filha virgem

se espera a tessitura ancestral de louça-película mulher comedida

É a atualidade do que está posto nesses versos que provoca perplexidade, pois não parece completamente descolada da nossa contemporaneidade. Como se uma espécie de diapasão discursivo permanecesse reverberando dizeres, fornecendo energia necessária para que estes continuem sustentando determinados sentidos. Estranhamente familiares, lamentavelmente atuais.

Nossa hipótese é a de que há uma sedimentação de sentidos em que o desenvolvimento de uma mentalidade oriunda das elites econômicas e culturais brasileiras se apresenta como “efeito da tradição de um pensamento que se renova na lógica de um discurso de classes com vistas a manter assimetrias e desigualdades de gênero, revelando uma indisposição histórica de abertura para a realidade.” (SCHMIDT, 2006, p. 781). Por esse viés, observamos versos de *Pílula (1º de setembro)*:

cordialidade é folclore

nossa tradição sempre foi de violência e revide

à-mão-armada-insurgência

Há um indiscutível diálogo histórico entre as formas de submissão feminina pretéritas em batimento com a contemporaneidade,

Pode-se afirmar que o patriarcalismo, refinado pelo reacionarismo e conservadorismo da classe social dominante, constitui a formação discursiva hegemônica que sustenta a base de estruturas institucionais e ideológicas do campo político. O termo “político”, tal como o emprego aqui, designa não só as formas de organização social do Estado, da economia, da sociedade e do gerenciamento do capital simbólico na esfera pública, mas também as relações familiares e afetivo-sexuais na esfera privada (SCHMIDT, 2006, p. 781).

As formas de dominação ligadas ao conservadorismo pulverizaram ideologicamente os discursos não ficando circunscritas às esferas públicas. Atingiram também âmbitos privados obliterando as singularidades femininas no único espaço que lhes restara. Abaixo, citamos

como fulcro de nossa reflexão o poema do dia 7 intitulado *Nome do Pai*.

*da filha do coronel não se conhece o nome
só dote e a data do punho firme do papai farmer
da filha do coronel se tira o negativo
da forma esculpida de uma boneca russa
quase alemã (inflável nunca inflamável)
da filha do coronel o anúncio estampa
boi codornas candelabros num só lote
intacto a leilão
a filha do coronel se apagaram as irmãs
os sobrinhos
os tantos afilhados não há dúvida
da filha do coronel mais importa o pai
(produto em falta na safra nacional)*

A espiral de propagação discursiva chancelado socialmente mostra que “é a perspectiva de classe da elite patriarcal dominante, em suas relações materiais de produção, que formula e ordena as estruturas simbólico- discursivas determinantes das formas de subjetividade e de sociabilidade.” (SCHMIDT, 2006, p. 781). O poema descreve em ‘montas’ o valor de uma mulher (a filha do coronel). Nome, data, irmãs, sobrinhos ou afilhados surgem depois da aposentação de sua ‘cotação’, relacionada diretamente ao poder financeiro do pai. A forma como o poema é estruturado ilustra com ironia questões referentes ao espaço social destinado às mulheres em épocas como a do coronelismo¹²¹². Além disso, ressaltamos possível alusão elementos à contemporaneidade pelo uso da palavra *inflável* e, em meio a dispersão de sentidos que por aí circulam, refletimos a respeito da condição social feminina de ontem em

¹² Os coronéis eram os comandantes-patriarcas de regiões do interior do Brasil. Tinham poder de monopólio econômico e político que se espraiava sobre decisões de ordem social, caso do núcleo familiar retratado pelo poema. O coronelismo marcou um episódio histórico em que a concentração latifundiária moldou as estruturas sociais do Brasil.

contraponto com a atualidade. *Inflável* remete, entre outros sentidos, a uma memória que liga o corpo da mulher à sua forma, objetificando¹³ e circunscrevendo-o a padrões esteticamente impostos. De acordo com Monteiro & Moura (2010, p. 4):

As bonecas parecem personificar a mulher ideal, tal como vislumbrou um dia Pigmalião. No mito grego, a idealização do rei de Chipre encontrou refúgio nas formas do marfim e o desejo de que a estátua ganhasse vida foi concretizada pela própria deusa Vênus. No Japão, atualmente, milhares de homens pagam o equivalente a cinco mil dólares para ter sua Galatéia de silicone. No entanto, o final feliz de Pigmalião se deveu à intervenção divina. Já no caso destes falsos humanos a realidade de sua existência é conseguida através do casamento entre a deusa da tecnologia e uma pitada de fantasia.

Pela costura de nossa análise, observamos no tramado dos discursos sobre o corpo feminino o nó que o prende aos sentidos históricos de passividade sexual, onde o feminino tem seus desejos e demandas silenciados, servindo apenas como uma espécie *de boneca inflável*. Reduzido e inscrito a partir de uma posição que o define como objeto inanimado (uma boneca), o corpo feminino se desumaniza, ao mesmo tempo em que sofre violência simbólica, imposta e naturalizada por sujeitos inscritos em posições severamente machistas.

1.2 OS ECOS DA SEGUNDA ONDA FEMINISTA EM TERRAS BRASILEIRAS

A abundância de discursos *sobre* as mulheres pode ser entendida como uma forma de supressão do direito à sua subjetividade. “Das mulheres muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou o que deveriam ser.” (PERROT, 2016, p.22). Em outras palavras: Coube aos homens, o poderoso legado discursivo (público e privado). Sendo assim, durante muito tempo foram eles que falaram sobre as mulheres. No que tange aos discursos filosóficos, por exemplo, observamos a escorchante discrepância de produção de “55 homens para 4 mulheres, o que corresponde à dissimetria sexual.” (PERROT, 2016, p.22).

A linha prescritiva alijou muitas da participação em sociedade e serviu como taxonomia descritiva imposta sem direito à réplica. Entre as consequências do silenciamento ao qual as

¹³ O conceito de objetificação teve início na década de 70, mas não é um fenômeno novo. O termo objetificação consiste em analisar alguém no nível de um objeto, sem considerar seus atributos emocionais e psicológicos.

mulheres estiveram submetidas, temos a privação que cerceou ao *privado*. Prisioneiras em espaços domésticos, essas vozes não tiveram seus ecos amplificados. Mas, observando-as, vemos que as paredes às quais foram confinadas não foram suficientes para que suas vozes não fossem ouvidas. Alguns versos do poema do *dia 4. Idioma Materno* dizem:

Em cada estátua erguida

E rodovia nomeada

Uma mulher teve seus lábios costurados

O silêncio bradou revolta

A memória ecoou presente

A história não comporta acasos

Como desdobramento de acontecimentos históricos ligados à Segunda Guerra Mundial, a mão de obra feminina foi instada a participar economicamente, pois um grande contingente masculino precisou ser deslocado aos combates. Tal “acaso” permitiu às mulheres acesso a esferas participativas na vida pública, até então interditas. Tão logo findou a guerra, novos eventos “decretaram” que as mulheres regressassem ao ambiente doméstico. Entretanto, apesar do realce às pautas políticas, as manifestações de segunda onda também lutaram pelo feminino. O recuo ao lar não foi passivamente aceito por todas e, em certa medida, se tornou o estopim para algumas manifestações feministas identificadas com a segunda onda. Conforme Oliveira (2005, p. 39):

O enfoque desta fase do movimento recai sobre como se livrar do poder dominante do mundo masculino, poder este repressivo para as mulheres que, enquanto categoria, estão subordinadas a ele. Depreendemos que esta fase do movimento, conhecida como Movimento de Liberação Feminina, estendeu-se até os anos 1980 e concentrou-se em aspectos econômicos e em estilos de vida das mulheres. Emprestando as armas teóricas de Simone de Beauvoir, o movimento feminista preocupou-se com a reconstrução dos papéis destinados a homens e mulheres – transformação da sociedade patriarcal – e com a luta por direitos iguais.

O Brasil pós Segunda Guerra Mundial vivenciava os efeitos de uma modernização que “significou a supremacia do Capital Industrial e das cidades sobre o capital agrário e o velho

ruralismo.” (MORAES, 2012, p. 109). Essas transformações desencadearam a expansão da classe média e o subsequente questionamento dos valores impostos pela igreja católica à tradicional família brasileira. Entre os acontecimentos que consubstanciaram as manifestações feministas da segunda onda temos “o fechamento da participação política institucional, que após o golpe de 64 tornou a esfera cultural um espaço de resistência à ditadura”. (MORAES, 2012, p. 109). Podemos dizer que segunda onda do feminismo no Brasil foi gestada em meio a um cenário de turbulência em que “as lutas se polarizam, primeiro, no combate à ditadura, segundo, na tentativa de enfraquecimento da burguesia em defesa do proletariado” (CRESCÊNCIO, 2011, p. 7) Um contingente significativo de mulheres que encabeçou as insurgências feministas da época o fez mediante influências de movimentos análogos oriundos de países como Estados Unidos e França, por exemplo. Em muitos casos, as feministas brasileiras se encontravam em situação de exílio, sendo que, a partir de suas experiências com os feminismos estrangeiros, propunham a (re)elaboração de uma agenda feminista que levasse em conta demandas específicas de nosso país.

[...] o Brasil que encontravam era um país dominado por uma ditadura militar sangrenta, na qual todas as frestas de expressão que sobraram deviam ser ocupadas pela luta pró-democratização, pelo fim da censura, pela anistia aos presos políticos e exilados. Somava-se a isso uma tradição marxista ortodoxa muito arraigada, que via esse tipo de luta como um desvio em relação à luta fundamental do proletariado contra a burguesia (PINTO, 2003, p. 65).

Algumas correntes políticas consideravam as lutas feministas pautas secundárias. Na visão destes grupos, a confluência de todas as manifestações deveria ocorrer em torno da redemocratização do país. Discriminações à parte, as feministas de segunda onda não se deixaram eclipsar pela heterogeneidade das demandas e deram corpo a questões que se tornaram ainda mais robustas. “Após o recesso forçado dos anos da ditadura militar, o movimento feminista começa a se articular novamente, ressurgindo das cinzas do passado, como parte dos movimentos sociais que, em meados da década de setenta, começam a agitar o país” (COSTA & SARDENBERG, 2008, p. 42). O caráter contestatório inerente às bases feministas reivindicou, nesse momento histórico, que o *pessoal também era político*¹⁴,

¹⁴ Na busca por uma nova concepção política que englobasse e considerasse os eventos ocorridos na esfera privada, a segunda onda do feminismo se tornou um movimento de resistência ao status-quo da época e

anunciando provável deslizamento de sentidos que se restringia, até então, apenas a manifestações políticas de ordem pública. Assim, as mulheres reivindicaram o quinhão referente à importância do privado na constituição das relações sociais.

Além das tradicionais reivindicações no tocante à esfera profissional e à igualdade civil, reagem contra modelos idealizados que prescrevem a maternidade compulsória e imposição de beleza e delicadeza como ideais para as mulheres. Nesses movimentos, tornam públicas questões, até então consideradas da intimidade, exigindo o controle do corpo, o direito ao prazer, o reconhecimento da maternidade como uma opção e, conseqüentemente, o direito ao aborto e à contracepção. Igualmente, reclamam medidas contra a violência aplicada às mulheres, lançando o lema de que o ‘privado é político’. (SOIHET, 2013, p.14-15).

1.3 O RECONHECIMENTO E AS DEMANDAS DA TERCEIRA ONDA DO FEMINISMO NO BRASIL

As reivindicações feministas ligadas às ondas anteriores ainda ressoavam. Passos importantes haviam sido dados e nas pegadas deixadas por eles foram empreendidas novas frentes de lutas.

Houve um crescente aumento do espaço dedicado às questões relacionadas com o direito da mulher nas campanhas eleitorais. [...] A importância dessa presença não está na sinceridade dos candidatos, mas na percepção de que este é um tema relevante, fruto certamente de anos de militância do movimento organizado, que se expressa na presença da luta pelos direitos das mulheres em campanhas eleitorais. (PINTO, 2003, p. 92-93)

A visibilidade conquistada permitiu às feministas da terceira onda expansão que se capilarizou por diferentes frentes. Se, de um lado, outras vozes se somaram àquelas que já bradavam por igualdade social como a de mulheres negras que ganharam destaque no movimento deixando à mostra diferenças cotidianas que, para além de sociais, são étnicas, por

possibilitou uma quebra da dicotomia público-privado, fator que é base de todo o pensamento liberal sobre as especificidades da política e do poder político. Para o pensamento liberal, o conceito de público diz respeito ao Estado e às suas instituições, à economia. Já o privado se relaciona à vida doméstica, familiar e sexual, identificando com pessoal, alheio à política.

outro lado, “essa variedade também remete a muitos desencontros entre as entidades e as participantes de suas lutas.” (GREGORI, 2017, p. 62).

O reconhecimento dos numerosos movimentos feministas espalhados pelo Brasil promoveu a institucionalização de muitos grupos de mulheres em ONGs, o que levou a desdobramentos. “A feminista não deixa de ser feminista no momento que cria ou se associa a uma ONG, mas passa a falar de um lugar institucional que a diferencia de outras feministas que estão em outras instituições.” (PINTO, 2003, p. 96). O caráter institucional chancelou a participação política das feministas. Entretanto, alguns de seus ideais foram pulverizados por regulamentos que as seccionaram, arrefecendo as utopias igualitárias de outrora. Em sua relação com o Estado, os movimentos feministas atravessaram conflitos, pois a participação política não- institucional precedeu a prática política com corpo de instituição. Silva e Camurça (2010, p. 51) refletem sobre este aspecto quando afirmam:

Um movimento se enfraquece quando o seu projeto político perde força entre a militância. Quando há cooptação das lideranças do movimento pelos governos, empresas e outros agentes; quando ocorrem muitos conflitos não enfrentados adequadamente, que geram divisões internas; ou quando ele deixa de ser crítico e criativo e passa a fazer sempre as mesmas coisas e ninguém mais acredita que seja capaz de mobilizar, de obter vitórias.

Ainda que algo tenha se perdido por entre as mazelas feministas, acreditamos que sua centelha se manteve. Através de versos contestatórios, propomos analisar como a quarta onda feminista se manifesta discursivamente tendo como representante *Sangria*.

1.4 A QUARTA ONDA FEMINISTA E SUA INTERLOCUÇÃO COM A CONTEMPORANEIDADE

No momento em que os embates políticos pareciam ter enfraquecido as demandas feministas, seccionando ideais de lutas historicamente constituídos por elas, uma quarta onda se delineia fortalecida, em grande medida, pelo advento da internet. Os sentidos ganham com a rede mundial de computadores outra forma vetorial e a ampliação dos saberes (re)configura as disputas por poderes. De acordo com Mittmann (2009, p. 2):

A circulação – antes limitada a redes menores, a pequenas comunidades – hoje é potencializada. E a possibilidade de entrar nessa grande rede de significantes, fazendo circular vozes outras que não as parafraseadoras do discurso da ideologia dominante, tem permitido aos movimentos sociais a divulgação em grande escala de discursos de denúncias, de convocações ao internauta, de estabelecimento de relações de aliança com outros movimentos etc.

O diapasão discursivo que reverbera sentidos sócio-históricos esteia-se no conceito de condições de produção, tornando possível observar o aspecto multifacetado no contexto das lutas feministas. Para Garcia e Sousa (2015, p. 997):

É nesse funcionamento ideológico da resistência, de não identificação que a mulher militante buscará constituir-se em sua posição-sujeito e interpelará outras mulheres a acompanharem na resistência ao discurso patriarcal. É na práxis da militância, no espaço urbano e no ciberespaço, que a mulher produzirá dizeres sobre o feminino e fará circular sentidos que a diz como um sujeito com voz.

Sangria é uma manifestação artística na qual podemos identificar vozes contemporâneas alinhadas aos discursos feministas. Mas não só. Seu discurso tem raízes profundas que se espalham abrangendo um plano político temporal que vai se transformando. Assim, à medida que traz memórias, cria um fio que as move em permanente alinhamento com o presente. Tônica constante em *Sangria*, a denúncia está por toda parte em que o ‘olhar’ ultrapasse o ‘ver’ e consiga ‘enxergar’ nas procelas dos dizeres a égide ideológica. Tomemos os seguintes versos de *Nome do pai*:

Da filha do coronel

Não se conhece o nome

Só o dote e a data

A tentativa de apagamento da subjetividade, é observada pelo atrelamento da descrição feminina à masculina assegurando a esta última evidência e importância. Nos processos que envolvem o assujeitamento feminino o realce de sua submissão coincide com questões econômicas – o *dote e a data*. Esse aspecto é relacionado frequentemente pelos discursos que circulam na mídia (telenovelas, programas de TV) a um passado distante. Nos

dias atuais, *o dote e a data* já não são importantes? A *filha do coronel*, hoje em dia, pode prescindir do *dote*? Ou ainda: Será que as formas de subjetivação femininas romperam efetivamente com os discursos de outrora estando alinhadas com outros sítios de sentido? Abaixo temos algumas pistas:

Da filha do coronel

Mais importa o pai

(produto em falta na safra nacional)

Os versos impõem à figura feminina o papel de estrita coadjuvância, reforçando uma confluência contraditoriamente conflituosa entre o poético e o político, isto é, um espaço marcado pela tensão. Na hierarquia apresentada, apesar da expressão *filha do coronel* estar um verso acima, mais importa a posição social de seu pai. O verso a final, *produto em falta na safra nacional*, sintetiza a ironia que subjaz toda a construção do poema. Os parênteses reforçam e (re)lembrem o prestígio do pai, já que é ele, o coronel, quem se encontra em falta na safra nacional. São a partir de análises como essa, que envolve a reflexão sobre os procedimentos de constituição, que *Sangria* desacomoda ao mesmo tempo em que convida a pensar sobre questões que parecem ‘encerradas’, mas que subsistem na sociedade brasileira metamorfoseadas por outras formas de sujeição.

2 O OLHAR PARTICULAR DA ANÁLISE DO DISCURSO

2.1 A SINGULARIDADE DO PENSAMENTO DE MICHEL PÊCHEUX SOBRE A LÍNGUA

A Análise do Discurso construída pelo grupo de Michel Pêcheux, surgiu em meados da década de 1960 sob um plano de fundo permeado pelo movimento estruturalista. A proposta inicial, que persiste firme para os que nela se aventuram, é a de repensar a língua desde a compreensão apresentada por Ferdinand de Saussure e formular um novo objeto: o discurso. A motivação crítica de Pêcheux volta-se ao estudo sistemático da língua proposto por Saussure, já que nessa abordagem, o linguista suíço teria privilegiado estudo de categorias linguísticas inferiores ao texto como fonemas, morfemas e lexemas. Para Haroche, Pêcheux & Henry (2008, p.25) “a ‘mudança de terreno’ parece determinada por duas necessidades: lutar contra o empirismo (se desembaraçar da problemática subjetivista centrada sobre o indivíduo) e contra o formalismo (não confundir a língua como objeto da linguística com o campo da “linguagem””).

Os estudos peucheuxtianos sobre a língua como materialidade indispensável aos processos discursivos foram marcados por etapas que complementaram o arcabouço teórico da Análise do Discurso. Suas primeiras considerações dão conta da língua como sistema de *autonomia relativa*, momento em que o autor se vale da perspectiva materialista para refletir sobre questões as linguísticas. Pêcheux (2014, p. 82) afirma:

Diremos que a “indiferença da língua e relação à luta de classes caracteriza autonomia relativa do sistema linguístico e que, dissimetricamente, o fato de que classes não sejam indiferentes à língua se traduz pelo fato de que todo processo discursivo se inscreve numa relação de classes.

Na fase sucedente, ao observar falhas no ritual próprio à língua, Pêcheux vai buscar na Psicanálise ressignificações e chega à questão do equívoco. “Ao admitir que a língua é voltada ao equívoco, delimita o espaço em que a Análise do Discurso pretende trabalhar, isto é, o espaço do deslocamento discursivo de sentido próprio a qualquer enunciado” (FERREIRA, 2003, p. 196).

Em unísson com os postulados de Pêcheux, é preciso pensar a língua sob uma perspectiva processual onde fatores internos e externos agem em simultaneidade. A língua aqui aludida é marcada por instabilidades concernentes ao seu estabelecimento. A heterogeneidade adquire relevo e a contradição passa a ser constitutiva. O texto é compreendido situado no interior de um conjunto de práticas sociais e vê nele, portanto, um discurso.

Através das estruturas que lhe são próprias, toda a língua está necessariamente com o que “não está”, o “não está mais”, o “ainda não está”, e o “nunca estará” da percepção imediata: nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível (PÊCHEUX, 1990, p.8).

A instabilidade linguística aliada à dispersão histórica promove deslizamentos de sentidos. Contudo, esse gesto que pressupõe deslocamento conceitual só é possível, se considerarmos as influências externas na e sobre a língua. Em outras palavras: o reconhecimento da importância dos fatos da língua. “A tarefa do analista de discurso será buscar tais fatos com agudo interesse e incorporá-los ao seu material central de investigação e tratá-los como fatos que integram a estrutura, ou seja, que são próprios da língua.” (FERREIRA, 2003, p. 197). Vamos a ela.

2.2 DA LÍNGUA EM PÊCHEUX À LÍNGUA EM SANGRIA

No movimento que promove a identificação junto ao feminino, ao mesmo tempo em que desafia arbitrariedades, observamos em *Sangria* a materialização do caráter de transgressor das poesias escritas e imagéticas. São formas de deslizamentos de sentidos. A plasticidade da língua parece inesgotável. Por ela, Pêcheux chegou às análises de processos discursivos. Em *Sangria*, a língua é exposta em imagens, versos ou performances. Nessas diferentes imagens performativas, a língua marca os processos de constituição dos sentidos.

O texto abaixo nos mostra a língua atravessada. Os fios vermelhos estão dentro e fora. Os fios (ou discursos) se constituem sobre essa instabilidade. A língua se expõe e, nesse gesto, surge a possibilidade do equívoco que se lança em um tramado inatingível que fustiga, desacomoda e leva ao acontecimento.

Imagem 3 - acompanha o poema intitulado Pílula 4



Fonte: *Sangria* (2017)
Foto: Sérgio Silva

A língua que vemos tem saburra orgânica, mas também ideológica. O que ela produz não é óbvio, carrega opacidade que produz efeitos variados. As arruelas metálicas que estão sobre ela passam a ser, então, significantes que, em permuta, disputam sentidos na busca pelo estabelecimento de significações. Ao nos colocarmos diante da pluralidade do texto imagético, afastamo-nos das armadilhas da obviedade.

2.3 A MATERIALIDADE HISTÓRICA DO DISCURSO

Sem desconsiderar a ordem histórica dos acontecimentos, Pêcheux busca com a noção de historicidade dar relevo ao caráter dinâmico dos discursos, compreendendo as falhas dos dizeres como constitutivas. A escolha consoante à historicidade refere que “nessa perspectiva, a exterioridade não tem a objetividade empírica daquilo que está ‘fora da linguagem’, pois constitui-se no próprio trabalho dos sentidos atuando em textos enquanto discursos.” (FERREIRA, 2003, p. 191). No interior da escolha da noção de historicidade, subjaz também crítica à noção de história entendida como mera descrição de acontecimentos. A materialidade histórica aludida na Análise do Discurso requer que pontuemos distinções importantes: é preciso, primeiramente, que se compreenda que tanto língua quanto história atuam sob imbricamento e tensão, o que move o analista a refletir sobre a *historicidade* da materialidade

por ele escolhida. Segundo Orlandi (2015, p.66):

Quando falamos em historicidade, não pensamos a história refletida no texto, mas tratamos da historicidade do texto em sua materialidade. O que chamamos de historicidade é o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida, há uma ligação entre história externa e historicidade do texto (trama de sentidos nele), mas essa ligação não é direta, nem automática, nem funciona como uma relação de causa-e-efeito.

O Materialismo Histórico tem importância basilar sobre o aparato discursivo proposto por Pêcheux. Por sua perspectiva, discutimos os mecanismos ideológicos que, nos acordos (sociais) se manifestam pela atribuição dos papéis sociais atribuídos aos sujeitos em uma sociedade dividida por classes. Desta forma, consideramos pertinente a reflexão subsequente à leitura do poema:

Dia 8. Cláusula Adicional

Sem nome Sem retrato

Sem lugar à mesa

Mas quase da família

Os versos apresentam, mas não nomeiam. Também não situam de quem se fala. Não há referência explícita a um determinado sujeito. Contudo, a descrição permite a construção de um imaginário socialmente identificável, um efeito de evidência (ideológico), que nos remete à ordem do já-visto, já- lido e também por isso histórico. Assim, atravessados e constituídos por história e ideologia, pensamos o poema como uma construção linguística que permite ao leitor acesso e conexão com outros diferentes textos possíveis através junto a sedimentações histórico-sociais que lhe servem de base. “Temos a possibilidade de trabalhar na incompletude constitutiva das materialidades simbólicas”. (Lagazzi, 2008, n.p).

O poema aludido fala sobre *nome, retrato e lugar à mesa*, em outras palavras, formas de integração e pertencimento típicas do ambiente familiar. Pensar em dinâmicas familiares é pensar também em divisões e atribuições específicas. Significa obtemperar as relações e os lugares sociais destinados aos sujeitos. A não-referência pontual a um sujeito aciona uma memória discursiva que (re)conhece ao mesmo tempo que parece respaldar determinadas

possibilidades de leitura. As conexões históricas, neste caso, apontam para modos de organização e funcionamento da família, particularmente, aqui, da família brasileira. “Tanto do ponto de vista histórico quanto do ponto de vista conceitual não há como falar na família sem falar no trabalho (na divisão social do trabalho) [...] Simplesmente porque a história da família está ligada à diferenciação histórica da economia.” (CHAUI, 1982, p.119-120).

Podemos refletir sobre o núcleo familiar¹⁵ como espaço embrionário em que se estabelecem divisões hierárquicas, implicando na submissão da mulher ao homem como parte de uma ordem ‘natural’. Tal fato remeteria a questões ligadas à divisão social do trabalho¹⁶. Muraro (1983) diz que o inculcamento de hábitos acontece quanto mais simples forem os gestos e hábitos. Segundo a autora, as classes sociais se delimitam e se soldam por esses hábitos que ao mesmo tempo se articulam entre si. Pelo habitual ordinário os laços familiares se compõem e reforçam.

Sobre esse cotidiano se marcam lugares ocupados por discursos sobre corpos que interditados não desfrutam do privilégio de um lugar à mesa. A delimitação de espacialidades estabelece restrições e delega atribuições. A profissão de doméstica é parte de um processo que em *Cláusula Adicional* tem a materialização discursiva de um corpo que significa pela memória na qual os versos atualizam a dinâmica ideológica que se impõe por delimitações sociais. Três afirmações levam à constatação expressa pelo verso que encerra o poema, demonstrando que em universos como os das empregadas domésticas entre submissão e opressão os limites são de difícil distinção. Não ter nome, retrato nem a garantia de um lugar à mesa remete à identificação e ao espaço. Todos eles negados àquela que é quase da família.

A origem da profissão da doméstica no Brasil tem relação com a abolição da escravatura, época em que se tornou a principal fonte de emprego para as então ex-escravas. O caráter de precariedade desse tipo de trabalho remonta a esse período, principalmente em relação ao tipo de emprego no qual se recebe

¹⁵ A hierarquia no grupo familiar se faz segundo o preceito bíblico de que o homem é a cabeça, e a mulher o coração. Sendo a emoção considerada inferior à razão, ao homem cabe, “naturalmente”, o governo da casa e da mulher. A sujeição da mulher ao homem é, pois, princípio inatacável e de validade eterna para a igreja.

¹⁶ Termo *divisão do trabalho* é encontrado em estudos de diversas áreas do conhecimento, como a economia, a sociologia, a antropologia, a história, a saúde, a educação, dentre outras, e tem sido utilizado com diversas variações. Em termos genéricos refere-se às diferentes formas com que os seres humanos, ao viverem em sociedades históricas, produzem e reproduzem a vida.

benefícios, e não dinheiro. (TEIXEIRA et al. 2015, p.163)

São os benefícios que recebem algumas domésticas, referidos pela citação, que caracterizam, em muitos casos, reforço do laço de continuidade que as situa no limite do trabalho escravo. Mulheres que trocam sua força de trabalho pela segurança de uma moradia.

Embora desempenhem tarefas consideradas essenciais, a pertença das domésticas junto à célula familiar permanece, em muitos casos, como em *Cláusula Adicional*, ambígua, como indica o último verso – *Mas quase da família*. De acordo com Donna Goldstein (2003, p. 175):

Muitas brasileiras de classes médias – e altas – falam de suas trabalhadoras domésticas com uma mistura de amor e apreciação. Elas expressam afeições típicas familiares em relação as suas empregadas. [...] Certamente, estes sentimentos são muito comuns. Mas estas mesmas afeições também revelam um senso de incerteza e distanciamento, geralmente sobre exatamente as mesmas pessoas.

Poderíamos relacionar os versos a um passado que se pretende completamente esquecido, no entanto, a urdidura da trama discursiva não aceita imposições, logo, a ausência de marcação temporal coloca em suspensão o obscurantismo de um pretérito situando-o pouco diferente do presente. Desta forma, concordamos com Brites (2007, p. 93) quando afirma: “No Brasil, a manutenção adequada desse sistema hierárquico que o serviço doméstico desvela tem sido reforçada, em particular, por uma ambiguidade afetiva entre os empregadores – sobretudo as mulheres e as crianças – e as trabalhadoras domésticas.”

No interstício discursivo que separa os três primeiros e o último verso, os sentidos continuam a trabalhar. A justaposição dos versos funciona como imbricação material de sentidos, onde “uma materialidade remete a outra em um movimento no qual a não-saturação permite o jogo da interpretação”. (Lagazzi, 2008, n.p). Saffioti (2015) afirma que velhas e novas práticas coexistem até que haja preponderância de uma sobre a outra. Todavia, a autora ressalta que mesmo após o estabelecimento de novo *modus operandi*, há a permanência de práticas antigas imiscuídas entre as “novas práticas”. O trabalho da língua na história e vice-versa nos guiaria, sob este aspecto, a considerar junto a conjunção, *mas* e o advérbio *quase*, observáveis no último verso, como marcas linguísticas que apontam para relação de reforço

das demarcações sociais das trabalhadoras do lar. Se invertêssemos a ordem do poema, teríamos algo como:

Quase da família

Porque sem nome

Sem retrato

Sem lugar à mesa

No caso apresentado, a supressão da conjunção adversativa termina por corroborar os sentidos que fazem da servidora uma figura alheia em um ambiente eminentemente íntimo. A falta que se manifesta semanticamente pelo advérbio “sem”, se mantém no advérbio “quase.” A denúncia do poema se alinha linguística e historicamente com um cotidiano que não reconhece nas atribuições domésticas formas de pertencimento.

2.4 A MATERIALIDADE DISCURSIVA

A materialidade discursiva com a qual trabalhamos neste capítulo é composta por elaboração e (re)elaboração permanentes. Como parte desse processo incessante apresentamos uma estrofe do seguinte poema:

Dia 15. 1ª Eucaristia

Miscigenar Verbete bonito

Estilo requintado

Mas que camufla o ventre violado

A mestiçagem remete à incerteza quanto às origens, carrega um tom de desprezo e se embrenha entre depreciações que vão de pobreza, feiura a não-pertencimento. Consideramos na escolha do verbete *miscigenar* um gesto que envolve fatores para além da seleção linguística, pois a materialidade da língua enquanto corpo de um corpo, carrega as marcas do corpo maior – o social.

O procedimento que elege uma forma linguística em detrimento de outra se relaciona a práticas sociais excludentes, mas não só. A utilização de uma palavra como *miscigenar* pode

ter por objetivo “apagar” uma história que revelaria um passado pontuado por abusos. Logo, além do encobrimento das transgressões que subjazem o verbete *miscigenar*, estaríamos perante um gesto de violência não só física, mas também de ordem simbólica. Corroborando com o que diz o poema, *miscigenar* pode ter estilo requintado, mas carrega consigo sentidos que nada têm de refinamento. *Miscigenar* na história da colonização significou forçar, constranger, coagir, obrigar, estuprar etc. Acreditamos que a remissão ao cenário do Brasil seja contundente, considerada a ressonância discursiva que o poema apresenta. Conforme Castilho e Silva (2014, p. 276, 268):

Com a chegada dos escravos no Brasil, por volta do século XVI para o XVII, a mulheres negras e escravas eram submetidas a todo tipo de sorte. Além de trabalharem muito também eram abusadas sexualmente pelos senhores, capatazes, feitores, visitantes. [...] longe daquele cenário das mulatas fogosas, belas e cheias de encanto para dar prazer a quem se aproximasse, viviam em condições subalternas e em constante exploração física e sexual.

A palavra *miscigenar* funciona como uma interdição histórica de sentidos, já que conforme Nabuco (2000, p.101.)

Não é do cruzamento que se trata; mas sim da reprodução do cativeiro [...] Calcule-se que a exploração dessa bárbara indústria – expressa em 1871 nas seguintes palavras dos fazendeiros de Pirai ‘a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador’ – deva ter sido durante três séculos sobre milhões de mulheres.

A tentativa de assepsia e homogeneização da língua constitui forma empenhada pelo apagamento das subjetividades. Ao desconsiderar as singularidades daqueles que sofrem, como foi o caso das mulheres negras do Brasil colonial, empreende-se controle que arbitrariamente decide o que e como pode e deve ser dito. O verbete *miscigenar* é profundamente opaco, possibilitando o estabelecimento de uma rede de relações associativas implícitas – paráfrases, implicações, comentários, alusões, etc.

Perseguindo o fio discursivo que leva ao o nó que ata história à língua, damos continuidade à observação da materialidade discursiva eleita. O último verso do poema diz:

Mas que camufla o ventre violado

Se antes, a palavra *miscigenar* já havia causado incômodo, nesse verso as sensações de desconforto se potencializam. *Camuflar*, segundo o dicionário¹⁷ é também um verbo em correlação de significados com *esconder*. *Camuflar um ventre violado* é também marcar na expressividade da métrica, o repúdio à violência pela qual muitas mulheres foram e são vítimas. Essa colocação abre brecha para que pensemos sobre a observação de que “compreender a identidade como uma prática, e uma prática significativa, é compreender os sujeitos culturalmente inteligíveis como efeitos resultantes de um discurso amarrado por regras, e que se insere nos atos disseminados e corriqueiros da vida linguística.” (BUTLER, 2018, p.249).

De que maneira se dão as inscrições culturalmente inteligíveis para o feminino? Se os discursos são amarrados por regras e a partir delas ascendemos às identidades como práticas significantes, é lícito afirmar que para as mulheres, os efeitos dessa amarração não são favoráveis. Através de

Mecanismos que *camuflam* linguisticamente gestos arbitrários, a brutalidade se autojustifica socialmente em moto-contínuo. *Camuflar um ventre violado* poderia ainda ser compreendido como uma forma de apagamento de aquilo que é legitimamente feminino: o ventre, lugar onde a vida é gerada e que confere ao corpo feminino a exclusividade de trazer ao mundo outro ser que, por camuflagem, deixa de ser reconhecido, passando a violência da violação a mera ocorrência linguística. O tramado deste poema propõe a compreensão de que os processos que engendram constituições do feminino exigem a necessidade do reconhecimento de suas subjetividades. As construções linguísticas dos versos em *Eucaristia* nos mostram que os discursos sobre as mulheres são amarrados por sentidos que remetem a brutalidade. Essa brutalidade trazida em textos escritos e de imagens nos serve de alerta diante da banalização da violência também linguística (mas não só) exercida sobre o feminino. São formas *camufladas*, normalizadas e aceitas no cotidiano, até mesmo pelas próprias mulheres.

¹⁷ Verbo – 1 t.d. e pron. Esconder(-se) ou disfarçar(-se) por meio de camuflagem, esp. Na guerra <camuflaram os tanques durante a noite> <aqueles soldados camuflavam-se à perfeição> 2 t.d. e pron.; fig. Disfarçar(-se) ou dissimular(-se) por meio de aparência enganadora <camuflava muito bem seus verdadeiros objetivos> <seu caráter deletério camuflava-se sob inocente aparência> (Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1> Acesso em: 20 de janeiro de 2020).

Das observações que compreendem o contextual imediato passamos para a consideração de condições que envolvem diferentes espaços e temporalidades. Sabemos que *Sangria* se situa na contemporaneidade, o que indica seu alinhamento junto às manifestações relacionadas à quarta onda feminista. Entretanto, são social e historicamente (re)conhecidas como anteriores à publicação da obra, formas de dominação e submissão das mulheres bem como de seus corpos. O ventre violado mencionado mantém relações históricas com outros ventres violados há tantos anos. A continuidade da reflexão sobre esta pequena estrofe de *Eucaristia* é capaz de desacomodar sentidos pretensamente sedimentados atingindo discursos que relacionam não apenas ao feminino e seu corpo, como também a discursos religiosos, já que o título do poema, *Eucaristia*, traz à lembrança a celebração da morte e ressurreição de Cristo.

De acordo com o ritual cristão, este é o momento de exaltar a transubstanciação do corpo e sangue de Jesus Cristo. A subversão é irônica quando alude à violação do corpo feminino como se coubesse a tal gesto celebração. Novamente, são os atravessamentos históricos, sobretudo de discursos religiosos que fornecem as pistas para nossa investigação. A este respeito Gevehr & Souza (2014, p. 114) relatam:

O cristianismo – através da Igreja Romana – disseminou um antifeminismo agressivo, especialmente a partir do século XV. Como a cultura estava nas mãos de clérigos celibatários, que procuravam sem cessar afirmar sua precedência na relação com o sagrado através das práticas de controle do corpo, mostraram-se, então, evidentes a exaltação da virgindade e da castidade e o combate à tentação, com a renúncia sexual.

Nas idas e vindas inerentes aos processos discursivos, perseguimos na dispersão a regularidade que certos discursos carregam junto à “herança cristã, sobretudo católica, que faz da dor e do sofrimento uma graça” (FAURE, 2012, p.27). Tal perspectiva encontra na dor e na subserviência uma forma de justificação perante os sofrimentos infringidos às mulheres, já que eram seus corpos que levavam os homens ao pecado.

Fornecendo um discurso povoado de imagens justificadoras – mas apresentadas como naturais e de origem divina –, o Cristianismo disponibiliza às mulheres modelos de que as mulheres têm tendência a aceitar passivamente como naturais e não como

histórica e socialmente construídos. Imagens são reproduzidas e disseminadas socialmente, de forma contínua, integrando não só as práticas sociais e os comportamentos face à mulher, mas também a resposta das próprias mulheres nas diversas situações em que se joga a dominação masculina. (MOTA-RIBEIRO, 2000, p. 4)

Ampliando nosso espectro analítico, estabelecermos relações de atravessamento entre dos discursos que circulavam pelo nosso país entre os séculos XVI e XVIII, com discursos *Eucaristia*. Nesse de cruzamento observamos o corpo feminino compreendido como exutório de uma virilidade que se impunha devidamente cancelada por discursos religiosos e médicos. “O corpo feminino era visto, tanto por pregadores da Igreja Católica quanto por médicos, como um palco nebuloso e obscuro no qual Deus e o Diabo se digladiavam” (PRIORI, 2018, p.78). O conhecimento médico restrito também foi responsável por uma série de reducionismos:

O corpo feminino era compreendido como uma espécie de receptáculo de um depósito sagrado que precisava ser fertilizado para frutificar. O saber científico construído sobre pilastras da filosofia e da medicina ocidental da antiguidade relegou o corpo feminino a uma posição de inferioridade em relação ao corpo masculino (LEITE, 2017, sem numeração de páginas).

O imbricamento de saberes oriundos de diferentes épocas estabelece relações de sentidos entre o título do poema e um ventre violado na qual temos posição a de inferioridade feminina assinalada historicamente.

3 DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO À METÁFORA

3.1 REFAZENDO O CAMINHO TEÓRICO DE PÊCHEUX

Durante a criação da maquinaria discursiva (AAD69), Pêcheux elaborou algumas noções das quais passou a se valer em suas investigações, entre elas está a de condições de produção, que envolvem as relações de forças e as relações de sentido. Pêcheux (1990, p. 77), procurou chamar atenção sobre esses pontos:

[...] no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que enuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz: um discurso pode ser um ato político direto ou um gesto vazio, para “dar o troco”, o que é uma outra forma de ação política.

A definição de condições de produção considera, em seu âmago, existência contraditória e propõe que as relações (entre forças e sentidos) não sejam entendidas como obstáculos passíveis de serem transpostos, mas condição constitutiva dos/nos processos discursivos. Tais processos se realizariam necessariamente no sujeito, mas não teriam nele sua origem.

Pêcheux (1990) ligou os discursos às práticas políticas e não aos sujeitos. Eis um aspecto importante para se compreender o desencadeamento espiralado da teoria que envolve outras noções. De acordo com texto de Paul Henry *Os fundamentos teóricos da Análise Automática do Discurso*, contido na obra *Análise Automática do Discurso* de Pêcheux (1990, p. 30): ele [Pêcheux] “introduz o sujeito enquanto efeito ideológico elementar. É enquanto sujeito que qualquer pessoa é ‘interpelada’ a ocupar um lugar determinado no sistema de produção”.

É possível então, pensarmos que as relações de força possuem ligação íntima com os lugares sociais ocupados pelos sujeitos, o que também remeteria à potência das representações sociais. O *lugar social*, de acordo com os princípios propostos pelos estudos discursivos, estaria mais relacionado à imagem produzida, tomada como efeito. Esta marcaria

sobremaneira o caráter deslizando de atribuição dos sentidos.

Já a referência à posição assumida vai ao encontro dos postulados pecheuxianos que se detêm mais sobre situações (objetivamente definíveis) e menos sobre caracterizações de predominâncias estanques. Assim, teríamos a *lugar social* mais situado junto a procedimentos de ordem empírica e as *posições sujeito* mais representativas do dinamismo que perpassa a ordem dos discursos.

O sujeito passa então a ser entendido a partir de uma inscrição em uma dada posição, o que mobiliza aspectos ligados à ordem da ideologia. Nas palavras de Pêcheux (2014, p. 146):

É a ideologia que através do “hábito” e do “uso”, está designando ao mesmo tempo o que é e o que deve ser, e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como dispositivo de “retomada do jogo”. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem” aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

Pêcheux (2014) explicará que o caráter material do sentido requer o entendimento de que as palavras não carregam sentidos por si, pois estariam determinados pelas posições ideológicas sustentadas por aqueles que as empregam. Estas posições se ligariam a formações ideológicas que são descritas por Haroche et.al (2008, p. 26) como: “Um conjunto complexo de atitudes e de representações não são nem “individuais e nem “universais”, mas que se relacionam mais ou menos diretamente às *posições de classes* em conflito umas e relação às outras.” Através das formações ideológicas chegamos às formações discursivas “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de arenga, de um sermão, de um panfleto, de um programa etc.). Entretanto, o conceito de formação discursiva passa por reformulações abandonando o aspecto hermético da fase inicial, dando espaço à heterogeneidade discursiva. “Uma FD não é mais um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas

fundamentais.” (Pêcheux, 1990, p.314). A reflexão se estende e da consideração da heterogeneidade como constitutiva em formação discursiva chega à integração de saberes inerentes a ela, levando ao reconhecimento de uma virtualidade em onde estes saberes ainda não se encontram organizados pelas delimitações próprias à uma formação discursiva: o interdiscurso. A esse respeito Pêcheux (2014 [1975], p. 148-149) afirma:

Toda formação discursiva dissimula pela transparência o sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao todo complexo o dominante das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas (...) propomos chamar interdiscurso esse todo complexo com dominante das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei da desigualdade-contradição- subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas.

O caminho que estabelece a subordinação das formações discursivas às formações ideológicas não se constitui por ser uma estrada em linha reta. Há falhas, desvios e equívocos nos lembrando que os sentidos jamais se encontram prontos ou acabados, e nas disputas por eles, processos como os que envolvem a metaforização são largamente utilizados. De acordo com Mariani (2007, p.12):

Está em jogo aí tanto a possibilidade de se usar uma palavra ou outra, em função de relações de similitude (sinonímia), quanto a possibilidade de, nesse processo de substituição contextual de uma palavra por outra, chegar-se a um termo bastante distanciado do primeiro, mas que guarda, com esse primeiro termo uma memória de sentido.

As materialidades discursivas nos colocam diante da constatação da inapreensibilidade dos sentidos. A metáfora poderia ser definida como uma ‘gana’ pelo controle dos mesmos. O movimento que promove a substituição de um termo por outro se estende, até o ponto em que os sentidos entre eles se tornam distantes. No entanto, esse movimento preservará alguma centelha dessas relações provando que os discursos se constituem ideologicamente através da língua e da história a um só tempo. É sobre os efeitos metafóricos que nos deteremos a seguir, visando refletir entre os sentidos que compõem os discursos sobre Penélope de Homero e a de *Sangria*.

3.2 AS POSSIBILIDADES DE METÁFORA EM ENTRELAÇAMENTO COM AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO EM SANGRIA

Conforme os fatores abarcados pelo conceito de condições de produção (relações de força e de sentido) bem como seus desdobramentos, é possível pensar que estamos diante de dizeres constituídos por atravessamentos e disputas histórico-ideológicas. Nossa análise se detém, primeiramente, sobre o poema intitulado *Dia 20. Fadiga*:

Sozinha Penélope desfia

Desafia

Abutres, o filho, a multidão

Mas os deuses aplaudem Ulisses

Em um primeiro momento, a leitura sugere uma remissão intertextual com o poema épico grego *Ulisses*, de Homero. A odisseia descrita sob forma de cânticos relata as aventuras e feitos heroicos da personagem Ulisses quando de seu retorno para a cidade de Ítaca, bem como sua união com a personagem Penélope. Nesse ínterim, em que Penélope o espera, há o desenrolar de acontecimentos em Ítaca. Ocorre que, angustiado com o regresso de Ulisses e temendo que este não volte, o pai de Penélope passa a cogitar o casamento de sua filha com outros prováveis pretendentes. Penélope então começa a ser cortejada por outros homens, e na tentativa de evitar enlace com outro que não fosse Ulisses, estabelece como condição para casar a finalização de um manto que tecia a Laerte (seu futuro sogro e pai de Ulisses). Assim, ela tecia durante os períodos diurnos e destecia entre os noturnos, se esquivando da ameaça de um casamento indesejado. Na narrativa clássica grega temos uma personagem como simbolismo de fidelidade, resignação, persistência, resistência, mas também ardil e astúcia. Dando um salto temporal, temos nos versos de *Sangria*, uma Penélope descrita como *sozinha*. De maneira análoga à personagem de Homero, ela *fia* (ainda que isso possa representar *fadiga*, título do poema). Mas, o tom belicoso da obra nos alerta que essa Penélope não é tão longânime quanto aquela, pois ela *desafia abutres, o filho, a multidão*. O jogo de forças está posto. O lugar social da mulher lhe conferiu posição que foi marcada por inúmeros revezes (quicá ainda o seja) de subserviência com relação ao lugar social do homem.

A partir, então, do (re)conhecimento de posições em que se inscrevem algumas

mulheres no interior de uma formação alinhada a discursos machistas é que associamos a elaboração de versos com frustrações tipicamente relacionadas ao universo feminino. Apesar da brutalidade das situações que obrigam Penélope a desafiar abutres, o filho e uma multidão, ela não se cala. Nos espaços diminutos que lhe restam, deixados apenas para que não definhe, ela denuncia. Nas formas que envolvem essa denúncia há que se considerar que texto imagético também reclama sentidos.

Imagem 4 - acompanha o poema referente ao *dia 20*, intitulado *Fadiga*



Fonte: *Sangria* (2017)
Foto: Sérgio Silva

Há dentes, grades e fios. Há sentidos entre os vãos do dizer, em que o fio da história atravessa a grade que o separa dos lábios. Lábios que guardam em seu interior a língua. Língua que compõe e sustenta as interpretações que fazemos da imagem. É Penélope que desafia! Ela desfiará os sentidos que mantêm seus lábios presos por detrás das grades!

A subversão se manifesta em explicitude no ponto do enfrentamento. Infelizmente, o poema encerra manifestando amargura. O verso iniciado por um conector adversativo – mas – coloca-nos diante da terrível constatação que reforça a soberania masculina sobre a feminina: *mas os deuses aplaudem Ulisses*. As contradições que sustentam e perpassam a interpretação nos levam a entrever o desencanto posto no último verso de *Fadiga*. Desencanto advindo do não reconhecimento, por constatar ao final do poema que este é um privilégio restrito aos homens, aos *Ulisses*.

Mas os deuses aplaudem Ulisses.

Mas os deuses só aplaudem Ulisses.

Mas os deuses aplaudem o homem Ulisses.

Mas os deuses jamais aplaudirão Penélope.

Mas os deuses não reconhecem Penélope.

O estamento no qual se encontra inscrita a Penélope grega não lhe concede qualquer tipo de reconhecimento. À Penélope fatigada e que, por isso (mas não só), sangra, esta recompensa também é negada, apesar da solidão, de fiar (esperar), desafiar abutres (outros homens), filho (outra presença masculina), e uma multidão. Malgrado todos esses fatos e feitos, *os deuses aplaudem Ulisses*, jamais Penélope.

É possível relacionar a Penélope de Homero com a de *Sangria* aproximando-as quando alude a questões de apagamento, decorrente lugar de submissão. Contudo, é importante observar as dimensões temporais e as transformações históricas em cada personagem. Tais papéis, mesmo que passíveis de aproximação, dentro do quadro que abrange nossas análises, mantêm suas respectivas idiossincrasias.

O estabelecimento de pontos de contato entre duas personagens de mesmo nome não se restringe ao campo linguístico e/ou textual e abre para efeitos metafóricos. As metáforas são dispositivos (em nosso caso, linguísticos e visuais) acionados para produção, constituição e interpretação de sentidos. “Mais do que explicada pela semântica formal e pela pragmática, a metáfora é um sentido que vai além, que se produz nessas condições: em sentidos suspensos, emaranhados, que derivam para outras significações.” (CASSANA, 2017, p.46).

A suspensão ou emaranhado descrito acima encontra na metáfora uma forma de se materializar na/pela linguagem. Nela atuam, ao mesmo tempo, processos de ordens diferentes: ideológicos e inconscientes. Ao nos depararmos com dois conceitos de teorias distintas, é imperativo sublinhar que a Análise do Discurso os desloca quando se constitui enquanto teoria. Esse trabalho de (res)significação assim é descrito por Pêcheux (2014, p. 277):

Aprender até seu limite máximo a interpelação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas, “uma palavra por outra” é a definição da metáfora, mas é

também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso (e o mínimo que se pode dizer é que os exemplos são abundantes, seja na cerimônia religiosa, no processo jurídico, na lição pedagógica ou no discurso político).

Mas as metáforas demonstram a contradição inerente à linguagem. “O efeito metafórico é retomada e esquecimento, deslize para outro lugar de sentido, novo gesto de interpretação” (ORLANDI, 2012, p.173). São os efeitos ideológicos em seus incessantes arranjos e (re)arranjos que nos permitem interpretarmos a personagem Penélope em *Sangria* como situada em um contexto opressor e, talvez, machista. Mas, para além desses efeitos, há de se considerar a importância da historicidade discursiva envolvida nesses processos.

Ao remontarmos e retomarmos os discursos feministas de libertação do jugo masculino, atualizamos os possíveis gestos interpretativos acerca da Penélope de Homero. Inscrita em outra formação discursiva e a partir de uma outra perspectiva, personagem e sentidos em *Sangria* deslizam contribuindo para outras considerações. Nosso gesto, ao interpretar, lembra e esquece concomitantemente.

Importante ressaltar que, em *Odisseia*, a personagem representada por Penélope não desempenha espelho da realidade social grega de então. Os versos homéricos devem ser compreendidos vinculados a uma rede de sentidos, em que atravessamentos de outros discursos o sustentariam repercutindo na constituição de sua obra. São, portanto, outras condições de produção. Nenhum discurso se constrói espontaneamente ou se funda sobre um vazio de sentidos. As representações postas e sintetizadas nos discursos reverberam saberes de algures. A teia que aproxima as duas personagens se fez no emaranhado entre o passado e o presente, permitiu que o poema trouxesse ressonâncias. No entanto, “deve-se observar a insistência sobre regras próprias a um campo ‘discursivo’, fazendo com que em uma época dada, não se fale de qualquer coisa, nem de qualquer modo.” (MALDIDIER, NORMAND & ROBIN, 2014, p. 85). Não pretendemos deixar de atribuir importância devida à intertextualidade. Porém, de acordo com as condições de produção, a partir da perspectiva a qual nos filiamos, as considerações se expandem para além dos limites entre textos.

Em nosso exame, observamos a lamentável possibilidade de aproximação entre as posições ocupadas pelas duas Penélopes (a aludida na *Odisseia*) e a transposta para o mundo hodierno em *Sangria*. Os deuses aplaudem Ulisses, na Grécia ou no Brasil. No passado ou no presente.

Falamos sobre as Penélopes, bem como suas características na *Odisseia* e em *Sangria*. Buscamos traçar alguns paralelos aproximativos entre a personagem de Homero e a aquela apresentada por Luiza Romão. Trouxemos aspectos referentes à exterioridade e à relação entre os discursos. Consideramos importante o desenvolvimento de exercício análogo para descrever, em brevidade, a personagem Ulisses, pois cremos que tal conhecimento possa ancorar a concepção de masculinidade que perpassa e constitui os discursos sobre a posição masculina em *Sangria*.

No grande relato que compõe a *Odisseia*, a personagem de Ulisses é apresentada como rei de Ítaca. A narrativa estabelece, como início, a partida da personagem para lutar na guerra de Tróia. O tempo do combate se estende e quando Ulisses pretende retornar, muitos são os obstáculos que precisa transpor. Deste modo, são narrados feitos heroicos que sublinham algumas de suas características mais importantes. Ulisses foi descrito como corajoso, forte, persuasivo entre outras características honrosamente a ele aludidas. Os atributos que definem a personagem de Ulisses podem ser relacionados, via de regra, ao universo masculino. Gostaríamos de nos deter neste ponto, isto é, na divisão das representações do que compete ao universo masculino e feminino, respectivamente. A cisão entre tais esferas exige que se apresente no fio da história como elas se constituíram, seus deslocamentos e como são (res) significadas até a constituição de nosso gesto interpretativo em *Sangria*.

As concepções que temos hoje concernentes a masculino e feminino são decorrentes de inúmeros avanços, recuos, deslocamentos e desdobramentos. Não pretendemos, portanto, em nosso trabalho, traçar uma linha histórica e retroceder nela de maneira mecanicista. Nosso intuito é, antes, observar nas descontinuidades algo que mereça ser destacado. Quando trazemos a narrativa épica de Homero, nosso projeto é demonstrar que os versos de ontem (*Odisseia*) e de hoje (*Sangria*) nos põem diante de questões mais abrangentes do que o mero cotejo e aproximação dos poemas. Há nestes discursos correntes que os atravessam e que são de ordem política, biológica e religiosa, para ficar entre as mais facilmente identificáveis.

No mundo ocidental que nos serve de referência, a divisão que estabelece características e identifica os sexos adquire peso entre meados do século XVIII e início do XIX. Todos os movimentos que delinearam tais mudanças não aconteceram de forma organizada e homogênea. Houve durante muito tempo na história da sexualidade humana, um conhecimento sobre sexo concebido sobre modelo único. A constituição do entendimento

sobre gênero também sofreu reformulações, dentre as quais citamos as diferenças relacionadas a sexo e gênero:

De modo geral, opomos sexo, que é biológico, ao gênero (gender, em inglês), que é social. Na Biologia, diferenciação é a aquisição de propriedades funcionais diferentes por células semelhantes. A diferença é o resultado de uma diferenciação. As sociedades humanas, com notável monotonia, sobrevalorizam a diferenciação biológica, atribuindo aos dois sexos funções diferentes (divididas, separadas e geralmente hierarquizadas) no corpo social como um todo. O gênero se manifesta materialmente em duas áreas fundamentais: 1) na divisão sociossexual do trabalho e dos meios de produção, 2) na organização social do trabalho de procriação, em que as capacidades reprodutivas das mulheres são transformadas e mais frequentemente exacerbadas por diversas intervenções sociais. (MATHIEU, 2009, p. 223)

Estabelecemos como efeito de ponto de partida, temporalidade, que compreende mais ou menos o período da Renascença. Nessa época, o alicerce anatômico se fundava sobre o modelo masculino, tendo como contraponto (e apenas como tal) o sexo feminino. As concepções de sexo único, que remontam ao século XVIII, aproximadamente, bem como os discursos a elas atribuídos, não evanesceram repentinamente. Muito do que era apregoado – o entendimento de que a mulher seria a contrapartida do homem – permaneceu em vigência, mesmo depois do advento do triunfo do discurso científico/biológico sobre o cósmico ou religioso. Assim, vemos que as formações discursivas compõem os discursos. Mudanças de mentalidade não rompem completamente com os saberes que o precedem. Há sempre algo que permanece, podendo voltar, se assim possibilitar condições de produção determinadas. As demandas que decidem a constância deste ou daquele dizer, geralmente estão ligadas ao econômico, político e também ao religioso, compondo uma verdadeira teia de saberes e poderes. Laqueur (2001, p. 192), corrobora este entendimento quando, em seus estudos sobre sexualidade, afirma:

O contexto para a articulação de dois sexos incomensuráveis não era nem uma teoria de conhecimento nem avanços no conhecimento científico. O contexto era político. Havia intermináveis lutas pelo poder e posição na esfera pública, altamente ampliada do século XVIII, e em especial no século

XIX pós-revolucionário: entre homens e mulheres, entre feministas e antifeministas. Quando, por várias razões, a ordem transcendental preexistente ou costumes ou tempos imemoriais tornam-se cada vez menos uma justificativa plausível para as relações sociais, o campo de batalha do gênero mudou para a natureza, para o sexo biológico. A anatomia sexual distinta era citada para apoiar ou negar todas as formas de reivindicações em uma variedade de contextos sociais, econômicos, políticos, culturais ou eróticos.

Voltando à *Sangria*, em sua referência ao Ulisses homérico como exemplo de poder, vemos que sua supremacia masculina não está posta em nenhum dos textos apresentados. É o caráter histórico, político/ideológico e linguístico recoberto pela noção de condições de produção, que nos permitem a formulação dessas hipóteses.

Assim, operamos o reforço da compreensão de que os discursos se definem mediante diferentes condições de produção, logo, seu assentamento é constitutivamente heterogêneo. A heterogeneidade está, entre outros fatores, relacionada ao lugar social do qual falam os sujeitos. O desdobramento dos lugares se associa em formações sociais e intervém na inscrição nas posições dos mesmos em formações discursivas. Conforme Pêcheux (1990, p. 82):

[...] existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representadas dessas situações). Acrescentemos que é bastante provável que esta correspondência não seja biunívoca, de modo que diferenças de situação podem compreender a uma mesma posição, e uma situação pode ser representada como várias posições, e isto não ao acaso, mas segundo leis que apenas uma investigação sociológica poderá revelar.

Concluimos dizendo que as diferentes formas de representações permitem aludir aos lugares sociais que o sujeito se encontra as condições de produção, então, compreendem instâncias nas quais limites se entrecruzam, envolvendo tanto aspectos linguísticos, imaginários e sociais. Os limites entre o que pode e deve ser dito e o que não pode nem deve ser ditos ficam a cargo das formações discursiva que pela porosidade de suas bordas permite o deslizamento dos sentidos. Podemos dizer que a formação discursiva na qual se inscreve a

Penélope de Sangria, se alinha aos discursos de resistência feministas, sendo, portanto, uma formação discursiva identificada com o feminismo. Contudo, não deixemos de mencionar que alguns dos discursos que atravessam e compõem os discursos relacionados à personagem em Sangria são reverberações de discursos alinhados ao machismo aos quais os versos do poema se opõem, quando, com certa ironia, diz: *mas deuses aplaudem Ulisses*.

4 DE COMO OS DISCURSOS RESSIGNIFICAM EM SEU RETORNO

4.1 AS MEMÓRIAS QUE SUSTENTAM OS SENTIDOS EM SANGRIA

Sangria é uma obra de viés combativo, imagens fortes e versos lancinantes. Entretanto, as adjetivações que acabamos de tecer só nos são possíveis e nos soam contundentes, pois há dimensões para além do que se encontra exposto em sua superfície linguística. São instâncias que abrangem fatores sociais, históricos e ideológicos. A composição de um tramado lírico e visual atravessa a obra e evoca aspectos da ordem do já sabido em disputa pelos sentidos mediante (re)atualização de dizeres. Os dizeres resgatam dimensões políticas e biológicas entre outras. As imagens (também compreendidas como textos) provocam em nós os mais diferentes efeitos. E se os efeitos variam é porque *Sangria* não sangra por si. Trata-se de uma obra que convoca a sangrar junto. A terapêutica de *Sangria* nos atinge como sujeitos discursivos (sobretudo se estivermos inscritas na posição-mulher), devido a questões referentes à memória. Isso se dá pelo alinhamento que as posições, a partir da obra, despertam. Pelo imaginário suscitado que é desconfortavelmente familiar.

Destarte propomos para este capítulo um batimento que contemple enfoques históricos, sociais e linguísticos apresentando uma reflexão não compartimentada, mas aberta condizente com os processos que subjazem todos os discursos. Já no prefácio à obra, Holanda (2017, p.2) nos adverte: “O caminho eleito foi o de ativar o processo de tecer contínuo (à moda das mulheres bordadeiras e tecelãs), entre o ciclo menstrual, ou seja, o organismo feminino a partir de sua potência reprodutiva e a revisita a episódios opressores da história brasileira”.

As reconstituições da história de nosso país são conduzidas por alinhavos (intervenções em linha vermelha sobre fotos de carne humana) e entrecruzamentos (entre a *terra brasiliis*, a mãe terra) também analisável a partir da perspectiva da mulher como terra e território oprimido. Desde esse intercâmbio que se instaura entre imagens e palavras, recorreremos àquilo que fala antes, em outro lugar, mas também ao que diz junto à obra e para além dela.

É preciso, porém, ter em conta que a perspectiva que adotamos de memória não se restringe a lembranças de ordem cognoscível ou meramente empíricas. Os movimentos

memorialísticos aqui irrompem à revelia de consciências, sujeitos e querereres. Essa intervenção ocorre para além do efetivamente lembrado. Os processos discursivos de irrupções memoriais envolvem dinâmicas linguísticas – repetições parafrásticas, mas não só. Há também a questão dos pré-construídos que mobilizam saberes inculcados no imaginário, sendo este cindido entre o social e o subjetivo. Ambos sob determinação de formações ideológicas.

O poema do *dia 4, Idioma Materno* nos permite observar a existência de uma rede de discursos, materializados na estrofe a seguir:

Terra é substantivo feminino

A ela pertenciam os homens

(e não o contrário)

Os dois primeiros versos fazem afirmações. No entanto, a negação com a qual nos confrontamos no terceiro e último verso aponta para possível subversão, se a considerarmos como uma resposta à memória regida pela visão hegemonicamente masculina exercida sobre os modos de existência femininos. Além disso, nossa análise considera a probabilidade de que o último verso seja tomado como um enunciado dividido Courtine (2014), “caracterizando o fato de que uma formação discursiva é constitutivamente perseguida por seu outro.” (PÊCHEUX, 2009, p.24). Donde passaríamos a considerar a existência de duas formações discursivas em situação de confronto de saberes: Vejamos:

A ela (terra) pertenciam os homens

A terra pertencia aos homens

Assim sendo, não é possível comutar elementos, pois os saberes entre os enunciados estabelecem relação de antagonismo, mais ou menos na forma como lemos a seguir:

A terra X → afirma: pertenciam os homens

A terra Y → susta a possibilidade de questionamentos, através de uma

negação: não o contrário

Os efeitos de sentido produzidos pela negação contida no enunciado “*não o contrário*” nos movem à seguinte hipótese: em outra formação discursiva (relacionada a saberes provenientes de dominação masculina) ‘a terra pertenceria aos homens’. Na disputa pelos sentidos apresentados por esses dois enunciados teríamos no primeiro caso, *os homens como pertencentes à terra* e, no segundo caso, *os homens como possuidores da terra*. No entanto, a construção em Y(re)direciona e subverte os sentidos, movendo-os para uma formação discursiva onde os homens não são compreendidos como donos da terra.

Tal negação responde a algo dito (ouvido) em outro lugar, outro tempo/espço. A terra, como substantivo feminino e, por isso/além disso, exercendo domínio sobre os homens seria uma probabilidade. De acordo com Di Ciommo (2003, p.426):

A ligação entre mulher e natureza e as razões pelas quais ambas são consideradas como de nível inferior não significa assunto do passado, mas parece continuar a dirigir a degradação do meio ambiente natural, a caracterizar a atividade feminina e a marcar, de maneira geral, a esfera da reprodução. Essa ligação contém inúmeras questões importantes sobre as causas da subordinação das mulheres e a existência de uma natureza feminina.

A relação estabelecida entre a figura da mulher e a terra traz em seu bojo questões que apontam um status social inferior da mulher em relação ao do homem. Entretanto, talvez, o mais importante nessa questão seja a manutenção de um lugar social de subserviência reforçando, assim, a dinâmica que insiste na divisão (arbitraria) quanto à distribuição e atribuição de papéis entre homens e mulheres. Sob tal aspecto, é possível observar o caráter denunciativo do poema, pois, apesar de *terra* ser *substantivo feminino* o que demonstraria a força feminina – estamos diante de uma sociedade que prega o *contrário*.

Ao mesmo tempo, podemos pensar: Qual seria o contrário? “A regularização se apoia necessariamente sobre o reconhecimento do que é repetido” (ACHARD, 2015, p.16). O repetido estaria vinculado também (mas não só) a discursos religiosos, com os quais versos do poema parecem estabelecer relação. Os discursos ligados ao cristianismo atribuem ao homem o controle sobre a terra e tudo o que nela existe. São os mesmos que, ao se referirem ao homem, o colocam como criação primeira e suprema de Deus. No livro de Gênesis da Bíblia, especificamente no capítulo 26, encontramos:

E Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves do céu, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra”. Nesse momento, de acordo com a narrativa bíblica da criação divina, a mulher ainda não existia. Todos os poderes sobre a terra foram, portanto, concedidos ao homem. Após ter posto esta sua criação (Adão) sobre a terra, o Senhor manifestou preocupação diante da solidão de Adão e resolveu lhe criar uma companhia (BÍBLIA, 2005, p. 34).

Assim, Deus teria criado a mulher com o claro intuito de *ajudar* o homem, *acompanhando-o* e a ele sendo *submissa*. O discurso que relata a origem da mulher no livro de Gênesis constitui a primeira descrição de uma personagem feminina nessa narrativa. Outras passagens irão reportar participações diminutas às mulheres em acontecimentos distintos. Também o caráter de reforço ao subjugamento feminino perante o masculino será praticamente explícito em algumas passagens. As reprimendas do apóstolo Paulo são bastante conhecidas no meio cristão. Citamos como exemplo passagem de I Timóteo 2. 9-15 (BÍBLIA, 2005, p. 1406):

(11) A mulher ouça a instrução em silêncio, com espírito de submissão.(12) Não permito que a mulher ensine, nem que se arrogue autoridade sobre o homem, mas permaneça em silêncio. (13) Pois, o primeiro a ser criado foi Adão, depois Eva. (14) E não foi Adão que se deixou iludir, e sim a mulher que, enganada, se tornou culpada de transgressão. (15) Contudo ela poderá salvar-se, cumprindo os deveres de mãe, contanto que permaneça com modéstia na fé, na caridade e na santidade.

Falamos sobre discursos religiosos, contudo, os discursos científicos também contribuíram para o processo que culminou com o inculcamento de determinados saberes. “Em alguma época do século XVIII, o sexo que nós conhecemos foi inventado. Os órgãos reprodutivos passaram de pontos paradigmáticos para mostrar hierarquias ressonantes através do cosmo ao fundamento da diferença incomensurável.” (LAQUEUR, 2001, p. 189).

Tal fato, longe de representar às mulheres algum tipo de emancipação, veio tão somente ratificar o domínio masculino já estabelecido. Devidamente naturalizado pelos discursos científicos, o corpo feminino através de suas singularidades, foi utilizado como justificativa e

base para um entendimento ressaltando suas limitações na comparação com o corpo masculino. Conforme Laqueur (2001, p. 191):

Naturalmente, na vida diária homens e mulheres eram identificados por suas características corporais, mas a afirmativa de que a geração macho era causa eficiente e da fêmea a causa material não era, em princípio, fisicamente demonstrável; era em si uma reafirmação do que significava ser homem ou mulher.

As afirmações de Laqueur corroboram o entendimento de que, há pelo menos dois séculos, o principal ponto de apoio na demarcação das diferenças entre homens e mulheres se encontra no plano das delimitações biológicas e sociais. Se abstrairmos a relevância dada aos papéis sociais e toda a opressão de sentidos que estes carregam, provavelmente, muitos discursos de diferentes ordens não se sustentem. Como é o caso aqui apresentado a respeito dos discursos científicos e as bases nas quais se assentaram/assentam.

Considerando implicações de outras instâncias, referimos o implícito¹⁸ para apelar ao que não foi dito, mas está subjacente ao enunciado que afirma. Achard (2015, p. 13) diz: “Ora, se olharmos mais de perto, a explicitação desses implícitos em geral não é necessária a priori, e não existe em parte alguma um texto de referência explícita que forneceria a chave”. Dizer que algo ou alguma coisa não ocorre à toa nos é perfeitamente aceitável. “A memorização repousaria sobre um consenso” (ACHARD, 2015, p.13). O consenso referido pelo autor se estabelece mediante um jogo entre relações de força e de sentidos. Por adesão a determinados sentidos, os sujeitos através de processos discursivos elegeriam algumas significações em detrimento de outras. Mas como a língua conserva sua espessura histórica, os sentidos não repousam sobre a estabilidade. Logo o consenso aludido por Achard (2015) não é peremptório, podendo em alguma instância deslizar.

Os sentidos se encontram em curso, isto é, nos colocamos diante de um processo marcado a um só tempo por “disjunções, deslocamentos,

Retomadas, conflitos de regularização [...] Um espaço de desdobramentos, réplicas,

¹⁸ A Análise de Discurso pecheuxiana analisa o que é dito e o que é não-dito, ou seja, o *implícito*, colocando o primeiro em relação ao segundo, não à busca de um suposto “verdadeiro” sentido; numa direção contrária, procura explorar as várias formas e a relação com o simbólico, compreendendo como o texto, objeto linguístico histórico, produz sentido (SILVA, 2008).

polêmicas e contra-discursos.” (PÊCHEUX, 2015, p. 50).

Não obstante a existência de todos os mecanismos elencados acima, é importante ressaltar que “a memória não restitui frases escutadas no passado, mas julgamentos de verossimilhança.” (ACHARD, 2015, p. 17). Isso significa que os sentidos deslizam tendo apenas uma tentativa de contenção, que nas análises serve para dar relevo ao gesto interpretativo. É possível, então, que o enunciado se desdobre em algumas indagações, levando a interpretações consideradas discursivamente próximas.

Os discursos que compõem *Sangria* propõem permanente enfrentamento entre diferentes posições sujeito. Analogamente, há entre esses os sujeitos distintas formas de inscrição pelas quais se abre brecha à subversão de sentidos. Nessa disputa pelos sentidos, temos manifestações histórico-discursivas que entendem no casamento uma forma de mando de determinados sujeitos sobre outros (p.ex.: homens sobre mulheres).”O costume da vigilância e do controle exercido sobre as mulheres e o seu posterior afrouxamento no decorrer do século XIX, com a ascensão dos valores burgueses, estava condicionado ao sistema de casamento por interesse” (D’INCAO, 2018, p. 236).

Tomado em alguns casos, como uma forma eficiente de repressão, o casamento consolidará a divisão de papéis a serem desempenhados por homens e mulheres. Homens com domínio e poder de orientação sobre mulheres, estas últimas concebidas como extensão das propriedades por parte dos homens. Elas obedecem. Segundo Chauí (1982, p.94): “Para o sucesso repressivo do modelo (o casamento), mais uma exigência é colocada, além da sacramentação do casamento: conseguir o controle sobre as mulheres. [...] o marido deve domar e submeter a esposa que a ele deve total obediência, pois a ‘ordem natural é que a mulher sirva ao homem’.” Casamento e propriedade, ambos entendidos como reputações de poder.

No litígio entre essas possíveis formas de atuação social, a urdidura discursiva vai se constituindo. Apesar dessa malha parecer pronta, ela só existe e se sustenta pela eminência de seu próprio desfazimento propondo, desta maneira, novas fiações/filiações. A cada verso, pespontos atravessam a carne e a palavra feminina abrindo feridas que sangram, ao mesmo tempo em que pontos vão sendo cosidos com efeito de sutura.

A confrontação entre o elemento terra e o corpo da mulher pode ser entendida como

ecos de outros discursos¹⁹ que no atravessamento com a contemporaneidade, produz novos sentidos. O engendramento da materialidade, a um só tempo linguística e histórica, promove outras formas de inscrição dos sujeitos, a partir das quais eles interpretarão. “Para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância. É preciso que ele conserve uma força a fim de poder posteriormente fazer impressão.” (DAVALLON, 2015, p.22). *Sangria* faz todos esses movimentos. O texto sai da indiferença e subverte a ordem do patriarcado. Sub-repticiamente, denuncia a usurpação dos direitos femininos.

A regularização de alguns sentidos (mas não qualquer um) contribui com construção de uma rede de sentidos que sustentarão diferentes olhares sobre a obra. As retomadas promovem a circulação dos dizeres e estabelecem ritualizações.

Desse modo, é possível constituir conexões entre os pré-construídos, escapando da relação de sistematicidade puramente linguística. Todos esses movimentos não devem ser captados em linearidade, pois as descontinuidades são fundantes nas práticas discursivas.

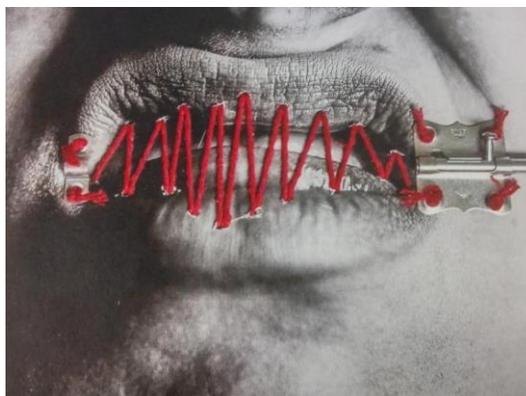
Na continuidade de nossas reflexões, os poemas são apresentados em cotejo com a transversalidade discursiva (alusão a outros discursos). A atualização dos dizeres os põe ao mesmo tempo em circulação. É preciso lembrar, portanto, que a língua só produz sentidos pela sua inscrição em práticas sociais e, para ascender a elas, a historicidade é imprescindível.

Esse discurso que cruza religioso, científico e cósmico²⁰ foi passando por alterações. Porém, ressonâncias ligadas à memória discursiva ao serem acionadas nos permitem enxergar nos versos de *Sangria* um espiral discursivo corporificado pela língua e imagem.

¹⁹ Imagens atribuídas aos períodos Paleolítico e Neolítico fornecem índices importantes para a definição da figura feminina como a Deusa Mãe ou a Grande Mãe. Dentre esses índices, a supremacia que ela assume nessas manifestações pictóricas, aqui entendidas como discursos.

²⁰ Os discursos cósmicos de outrora estabeleciam íntimas relações entre a geração e o cosmo, entre o corpo e os ciclos de vida fora dele. A forma mais geral dos movimentos macro e microcosmo encontra-se na poética da própria biologia, especificamente na linguagem através da qual homens e mulheres fizeram considerações sobre a sucessão de gerações (LAQUEUR, 2001, p.155).

Imagem 5 - acompanha o poema do dia 4, intitulado *Idioma Materno*



Fonte: *Sangria* (2017)

Foto: Sérgio Silva

Ao nos depararmos com esta imagem, muitos sentidos são acionados. Somos confrontados com lábios costurados em um desonroso ziguezague. Lábios superior e inferior parecem imprimir força na tentativa de romper o fio que os prende. A língua se insinua por entre lábios e dentes em análogo esforço pela ruptura. E são os lábios femininos que estão costurados (*e não o contrário*). São sempre os lábios das mulheres que são cerzidos (*e não o contrário*). Eles já foram costurados antes, em outro contexto e sob outras

condições de produção. A tranca metálica é desafiada pelos lábios, que na imagem se franzem diante da força que empreendem para rompê-la.

Entretanto, sabemos que alguns contrapõem sentidos às tentativas de interdição deslizando pela exiguidade de espaços que lhes resta. Mesmo entre trancas, é preciso que haja espaço para articulações. Essa é sua função dentro da lógica mecanicista. Na concepção discursiva, o movimento da taramela proporcionará aos dizeres possibilidade de deslizos e por que não de deslocamentos... A memória discursiva encontrará no movimento deste objeto, oportunidade para trazer à tona discursos aquietados no interdiscurso e que aguardam por (re) significações.

Quando consideramos os movimentos possíveis apesar da existência de uma tranca entre lábios, entram em jogo espaços deixados propiciando a observação de movimentos contraditórios. Sabemos que no interdiscurso, todos os discursos se encontram dispersos em virtualidade (discursos em oposição e aliança). Se a memória levar a irrupção de um desses dizeres, possivelmente abrir-se-ão outros sentidos. Os trajetos que estes irão tomar ficarão a

cargo das formações discursivas que irá os abrigar, garantindo a permanência do litígio até o ponto em que ocorram os deslocamentos para outras formações discursivas.

5 O QUE OS OLHOS VEEM E O CORPO SENTE

5.1 A MATERIALIDADE VISUAL EM SANGRIA E SUAS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS

Imagem 6 - acompanha o poema do dia 9, *Menstruação*



Fonte: *Sangria* (2017)

Foto: Sérgio Silva

Com este capítulo, buscamos refletir sobre a imagem e a possibilidade de atribuição de sentidos. Durante muito tempo, e em alguns casos, ainda hoje, era comum que os processos envolvendo significação e definição de uma imagem percorressem um trajeto onde a interpretação do não-verbal fosse ancorada pelo verbal. Era somente na instância da materialidade da língua que as interpretações se "aclaravam".

No entanto, neste momento de nossas análises, pretendemos dar destaque para a linguagem não-verbal, já que temos riqueza de imagens ao nosso dispor em *Sangria*. Frisamos, entretanto, a manutenção da contundência referente à linguagem verbal. Para a constituição de nosso gesto interpretativo, lembramos o que disse Orlandi (1993, p. 35): "A AD não trabalha só com as formas abstratas, mas com as formas materiais da linguagem." Isso significa que não desejamos abstrair ou "limpar" a opacidade inerente à linguagem não

verbal. Nosso movimento como analistas, nos impede de ficarmos indiferentes às materialidades com as quais somos confrontados. Em *Sangria*, a prática da materialidade visual nos fornece oportunidade de observar como os sentidos se corporificam e atualizam, através de sua singularidade.

A verbalização não constitui condição necessária à interpretação, pois sabemos que tais funcionamentos podem transcender a ordem da língua. É preciso, no entanto, observar que os processos que envolvem significações no âmbito da linguagem escrita ou falada e da imagem pertencem a ordens diferentes. Neste capítulo, nos restringiremos à análise de imagens e seus desdobramentos.

A palavra pode falar da imagem, pode descrevê-la, entretanto, há algo inerente à materialidade visual, que se perderia, caso lhe impuséssemos detalhamento linguístico. A perspectiva escolhida para análise da imagem só se sustenta a partir de sua própria materialidade. Em outras palavras: A imagem de uma vagina é definida como tal, em decorrência da materialidade que a constitui, isto é, uma imagem. A visão que temos dela (nosso olhar) ou como a descrevemos está atrelado a fatores de ordem ideológica, assim como a imagem propriamente também está. “O trabalho de interpretação da imagem, como na interpretação do verbal, vai pressupor também a relação com a cultura, o social, o histórico, com a formação social dos sujeitos. E vai revelar de que forma a relação imagem/interpretação vem sendo "administrada" em várias instâncias.” (SOUZA, 1998, p. 18).

Nossa tarefa é, então, compreender como se dão os processos de significação diante daquilo que vemos, sem que isso resulte em efeito de evidência. Também julgamos fundamental refletir sobre o que vemos e o que nos olha, pela reversibilidade a qual nos põe à prova.

O ato de ver não é o ato de uma máquina de perceber o real enquanto composto de evidências tautológicas. O ato de dar a ver não é o ato de dar evidências visíveis a pares de olhos que se apoderam unilateralmente do ‘dom visual’ para se satisfazer unilateralmente com ele. Dar a ver é sempre inquietar o ver, em seu ato, em seu sujeito. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta. Entre aquele que olha e aquilo que é olhado. (HUBERMAN, 1998, p. 77)

É no hiato entre o que vemos (uma vagina) e o que nos olha (a imagem de uma vagina) que ocorre a mediação simbólica onde sujeitos e discursos encontrarão o curso para os sentidos. Da simbiose que se instaura no gesto contemplativo daquele que vê e é visto, identificamos reverberações ideológicas que se estendem entre sujeitos e materialidades.

O fato mesmo da interpretação, ou melhor, o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença a presença da ideologia. Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer? (ORLANDI, 2015, p.43).

Durante esse intercâmbio, ambos se apresentam saturados por significados, provisoriamente preenchidos em sua inerente historicidade, certos da evidência que comportam. “Enquanto a leitura da palavra pede uma direcionalidade (da esquerda para a direita), a da imagem é multidirecionada, dependendo do olhar de cada ‘leitor’”. (SOUZA, 1998, p.18).

Nossa análise é composta por dois momentos: primeiro, nos detemos sobre a imagem. Na sequência, ensaiamos alguns gestos interpretativos. Observamos que a obra se estrutura sequencialmente em duas páginas, que postas em sentido horizontal, remetem à leitura de um calendário). Nosso olhar capta um todo. Como se a encadernação que separa duas páginas não suplantasse o efeito de uma extensa e única página que acolhe o texto visual- com a imagem de uma vagina interdita por lâminas atadas por um nó vermelho. A materialidade não-verbal permite a fruição de sentidos, onde percebermos uma multiplicidade de fatores que envolvem o olhar da obra sobre nós. Sua existência só é concebível a partir de determinadas condições de produção considerando, portanto, perspectivas que envolvem imaginário, social, político, etc. Cada um desses olhares sustenta e compõe o efeito de homogeneidade que chega até nós. Esse é o ponto em que sublinhamos a multidirecionalidade da imagem e por ele guiamos a análise a seguir:

A foto mostra a imagem de lâminas sobre uma vagina. Essas lâminas, poderiam estar relacionadas a interdições junto ao corpo feminino. São sentidos que se cruzam com outros, ligados à reprovação do corpo da mulher, a proibição e a censura a qual muitas de nós nos encontramos submetidas. Enfim, essas são direções que *nossa posição-sujeito* tomou no trajeto rumo aos processos discursivos. Em contrapartida, outra filiação teórica ou inscrição

social, certamente, promoveria realce sobre outros efeitos relacionados à violência pelas quais passam corpos femininos, por exemplo. É característica da imagem essa sensação prismada, que se presta à contemplação e/ou observação. Justamente por não depender das palavras, desperta interesse e fascínio contínuos.

Antes de prosseguir nossa digressão sobre a imagem, faz-se necessário descrever, em breves palavras como o silêncio significa e, então, a partir dele, tecer algumas considerações possíveis sobre a linguagem visual que, mesmo dispensando a verbalização, produz sentidos. Como modos distintos de significação palavra e silêncio pressupõem distintas interações entre sujeitos e materialidades. Orlandi (1993) faz questão de frisar tais especificidades, com as quais concordamos quando analisamos a imagem que abre este capítulo, por exemplo, e a relação que temos com ela a partir de nossas filiações históricas. "Há um ritmo no significar que supõe o movimento entre o silêncio e as palavras, entre o silêncio e as linguagens." Orlandi (1993, p.37). Diremos que nossa imagem, portanto, reivindica a compreensão de que ela tem seu próprio ritmo de significação.

Outro aspecto importante a ser analisado é que quando recortamos uma imagem, esse gesto conduz a elaboração e produção de outras imagens, e, por conseguinte, de outros textos que acederão a outros discursos. Vejamos o exemplo da foto escolhida: a imagem não mostra tão somente uma vagina. Há a presença de uma espécie de estrela de lâminas amarradas por um nó de linha de cor vermelha. Há pontos rubros sobre os pelos pubianos e existem também as partes mais escuras da foto, responsáveis pelo efeito de profundidade em contraste com as partes mais claras das coxas. A proposta de um recorte sobre esta imagem resulta em imagens diferentes.

Ao nos determos sobre cada recorte, somos capazes de criar outras imagens, logo, estaremos diante de mais de um texto. Entretanto, sob o efeito de homogeneidade enxergaremos tão somente uma vagina.

Imagem 7 - Recortes 1,2,3,4 compõem a imagem 6



Fonte: *Sangria* (2017).

Os diferentes textos visuais apontam para diferentes sentidos e, portanto, distintas interpretações. Podemos analisar somente os alinhavos vermelhos sobre os pelos pubianos, podemos contemplar as lâminas e acionar sentidos variados indo desde a mutilação até a interdição da vagina, por exemplo. “Quando se recorta pelo olhar um dos elementos constitutivos da imagem produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita” (SOUZA, 1998, p. 22).

Nos textos verbais, geralmente, referimos a existência de diferentes vozes que participam da instauração de um jogo de forças entre sujeitos que falam a partir de inscrições em posições no âmbito de uma determinada formação discursiva. Entretanto, no escopo que abrange a imagem, não é possível pensarmos em vozes, pois o jogo discursivo se pauta sobre outra materialidade, onde o verbal não se encontra incluído. Para dar conta da questão da heterogeneidade imagética, Souza (1998, p.23) traz às análises de imagens o postulado da policromia:

O conceito de policromia recobre o jogo de imagens e cores, no caso, elementos constitutivos da linguagem não-verbal, permitindo, assim, caminhar na análise do discurso do não-verbal. O jogo de formas, cores, imagens, luz, sombra, etc. nos remete, à semelhança das vozes no texto, a diferentes perspectivas

instauradas pelo eu na e pela imagem, o que favorece não só a percepção dos movimentos no plano do sinestésico, bem como a apreensão de diferentes sentidos no plano discursivo- ideológico, quando se tem a possibilidade de se interpretar uma imagem através de outra. Por isso, a policromia revela também a imagem em sua natureza heterogênea, ou melhor, como conjunto de heterogeneidades que, ao possuírem uma co-relação entre si, emprestam à imagem a sua identidade.

A correlação entre a foto selecionada e outras imagens é um dos fatores que nos permite converter a imagem e dela verter novos sentidos. Diante da imagem apresentada, acionamos sentidos entre o que é visto e o que já foi visto antes e em outros lugares. As engrenagens ideológicas e interdiscursivas se movem e vão surgindo outros olhares, outras formas de interpretação. Vejamos as imagens a seguir²¹.

Imagem 8 – Vide Nota de Rodapé 21.



Da esquerda para direita, a primeira imagem que vemos pertence a *Sangria* (livro e

²¹ Fontes das imagens: **Sangria, obra de Luiza Romão** Autoria: Sérgio Silva / **L'Origine du monde**; Autoria: Gustave Courbet <https://m.musee-orsay.fr/> / **Maçã Vagina Dentada**; Autoria: Pannela Castro panmelacastro.com / **The Touch of Fur** – Autoria: Karl Lagerfeld <https://www.fendi.com>

vídeos de 2017) e consiste na imagem de autoria atribuída a Sérgio Silva. A foto que é também capa do livro, revela a genitália da autora que o assina. Versos e imagens sustentam, cada qual de sua instância, o efeito de homogeneidade apresentado por *Sangria*. São poemas que perfuram o tecido de um corpo nada coeso. O mesmo corpo que se fragmenta em imagens sendo atravessado por lâminas, pontos e alinhavos. Duas linguagens que se complementam durante o processo que as constitui, plasmadas pela realidade exterior que as circunscreve em batimento com o interior que as instiga permanentemente. Ambas atravessadas por ideologias, escalonando nossas interpretações.

A segunda materialidade é a tela de Courbet, intitulada *L'origine du monde* de 1866. A história da obra relata que a tela teria sido pintada sob encomenda ao embaixador turco Kalil Bey. Como colecionador de telas eróticas, ele teria guardado o quadro secretamente, pois, à época, era escandalosa (o que não é muito diferente do pensamento atual). O entrelaçamento pretendido entre as imagens relaciona a imagem da obra de Courbet aos discursos artísticos e sobre eles é importante tecer algumas considerações:

A literatura lê imagens e/ou as fabrica com palavras. A pintura retrata processos de leitura. O leitor, ao ler um texto ou um quadro, cria novas imagens. Assim, a relação entre o quadro pintado e o quadro descrito deve ser analisada não apenas a partir da equivalência que parece conter, mas sobretudo, pelas indagações sobre os modos como as imagens (escritas e pictóricas) elaboram uma sintaxe do texto escrito e do quadro. É importante ressaltar que aproximar textos de diferentes [...] expõem as infinitas possibilidades de transgressão do objeto representado (WALTY, 2001, p. 63).

Na observação das singularidades que compõem a interpretação de obras de arte, como *L'origine du monde*, por exemplo, é importante destacar aspectos inerentes à discursividade destes objetos. Neckel (2005) aponta para a movência característica dos lugares de significação dos objetos de arte, pois operam sempre em um espaço de (re) significação, o que remeteria a outros discursos.

Abaixo, temos o grafite de Pammela Castro, uma artista da contemporaneidade, de produção eminentemente urbana. A obra selecionada recebeu o nome de *Maçã Vagina Dentada*. A partir de sua inscrição discursiva marcada por um feminismo combativo, Pammela dá corpo aos sentidos que constituem suas imagens. Orlandi (2004, p. 113-114), diz:

O gesto projeta em um grupo que ele inicia com a Letra, com as “alianças.” Mesmo a assinatura (o tag), ao inscrever-se em um muro, o liga ao “público”, no espaço que é lugar comum. [...] Ele irrompe no social com seu gesto, seu traço. [...] Esse gesto ecoa na nossa história.

Em *Maçã Vagina Dentada* o que sustenta a imagem é uma rede de formulações onde percebemos ressonâncias discursivas que dialogam com as outras materialidades apresentadas.

Por fim, temos a imagem de um cachecol da grife italiana Fendi. A peça do vestuário ganhou notoriedade em 2018 após o jornal *The Guardian* sugerir semelhança desta com uma vagina. Depois das “brincadeiras desdenhosas” por parte da imprensa, a peça foi retirada de catálogo. “Dada a importância que as roupas assumem, não é difícil notar afirmações variadas sobre seu significado” (PAIXÃO & SOUSA, 2014, p. 350). O fato de a peça ter sido indisponibilizada para a venda, conduz nossa reflexão na direção da interdição de sentidos. Não quaisquer sentidos, mas aqueles que “ousam”, ainda que sub-repticiamente, romper com o silenciamento em torno do sexo feminino e os sentidos que ele mobiliza. O sarcasmo e a ironia, na situação relatada, foram armas linguísticas eficazes. Posteriormente, veio o silêncio, através da retirada de catálogo. Esse mecanismo definido por Orlandi (2007b) como política do silêncio, apaga os sentidos que pretende evitar e que poderiam instalar o trabalho de uma outra formação discursiva (como as formações discursivas nas quais se aliam os movimentos feministas, que lutam pela visibilidade e reconhecimento do corpo da mulher como meio de acesso às subjetividades femininas). Assim, o silêncio trabalha os limites das formações discursivas (femininas e feministas), determinando os limites do dizer. A constituição do imaginário que compõe a sexualidade feminina foi e continua sendo, em alguns casos, historicamente alvo de censura. “A mídia, produz sentidos por meio de um insistente retorno de figuras, de sínteses-narrativas, de representações que constituem o imaginário social” (GREGOLIN 2003, p. 96).

Sem considerar o detalhamento das imagens, situamos apenas o contexto de produção do surgimento de cada uma. O reconhecimento circunstancial de cada imagem, permite que identifiquemos através da memória que as imagens aludem, o entrelaçamento dos discursos sobre a genitália feminina e que, em certa medida, são responsáveis pelo entendimento que hoje temos sobre a mulher, bem como a imagem que ela tem de si, de seu corpo e de seus

sentimentos, que vão da repulsa ao orgulho.

É preciso ressaltar que no perpasso de todas essas materialidades subjaz o trabalho ideológico. O escândalo, a visibilidade, o empoderamento ou a vergonha são efeitos das ideologias materializados nas imagens. Cada um a seu modo, concernidos em suas condições de produção, eles empreendem diferentes formas de articulação com o social.

6 OS JOGOS DE FORÇAS E DE SENTIDOS QUE ENCONTRAM NO CORPO FEMININO SUAS FORMAS DE SIGNIFICAR

6.1 FORMAÇÕES DISCURSIVAS: QUEM DIZ VULVA NÃO DIZ VAGINA, QUEM DIZ VAGINA NÃO DIZ BUCETA

O conceito de formações discursivas surge primeiramente formulado por Foucault na *Arqueologia do Saber* (2008)²². O fulcro sobre tal noção se assenta sobre possibilidade de detecção de regularidades discursivas nas quais o autor observou repartições nos discursos e os descreveu considerando seus próprios sistemas de dispersão, pois:

Uma formação discursiva não ocupa todo o volume possível que lhe abrem de direito os sistemas de formação de seus objetos, de suas enunciações, de seus conceitos; é essencialmente lacunar e isto pelo sistema de formação de suas escolhas estratégicas. Daí que, retomada, colocada e interpretada em uma nova constelação, uma formação discursiva dada pode fazer aparecer novas possibilidades (FOUCAULT, 2008, p. 83).

As regularidades identificadas contemplam posicionamentos convergentes, mas também divergentes assegurando, desta maneira, espaço às transformações no seio de uma formação discursiva. Todavia, mesmo em meio às possíveis mudanças, o efeito de homogeneidade se mantém. Foi pelo batimento entre as regularidades e dispersões que constituem os discursos que Foucault descreveu as características de uma formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou

²² A obra original intitulada *L'Archéologie du savoir* foi publicada pela primeira vez em 1969.

“ideologia”, ou “teoria” ou “domínio de objetividade” (FOUCAULT, 2008, p. 43).

A ótica foucaultiana opera, portanto, a exclusão da palavra ideologia, bem como de seus possíveis desdobramentos, e é exatamente sobre este aspecto que a Análise do Discurso de Pêcheux se deteve quando deslocou essa noção para a constituição de seu edifício teórico. Michel Pêcheux não só irá considerar a ideologia como constitutiva de todo e qualquer discurso, como também irá “pensá-la a partir da articulação entre uma perspectiva althusseriana da luta de classes e as contribuições da linguística saussuriana, acentuando as relações entre materialidade linguística, materialidade histórica e discurso” (DE NARDI & NASCIMENTO, 2016, p. 84).

Ao elaborar o conceito de formação discursiva contemplando em seu âmago (mas não só, pois não podemos esquecer o papel constitutivo da exterioridade nas formações discursivas) os efeitos ideológicos, Pêcheux desloca em tal noção saberes que envolvem o materialismo histórico herdado de Marx e repensado por Althusser. O trabalho das ideologias passa a ser concebido não mais como uma espécie de ‘véu’ que oculta determinados saberes, mas como condição necessária à produção dos discursos.

[...] se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence, assim pensamos, ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura (PÊCHEUX, 1990, p. 166-167).

Quando reputa o perpasso ideológico no âmbito de uma formação discursiva, Pêcheux conclama a participação do sujeito sob forma de posição no interior da mesma. Esse gesto engloba o reconhecimento do processo de interpelação dos indivíduos em sujeitos pela ideologia. Através deste movimento os sujeitos se constituem e, ao mesmo tempo, se identificam em uma formação discursiva dada.

No interior de uma formação discursiva, os saberes serão norteados pelo que o autor

designou como forma-sujeito, sendo esta responsável pela orquestração do que pode e deve ser dito, bem como o que não pode e nem deve ser dito. Em um primeiro momento de suas análises Pêcheux entende as formações discursivas como sítios um tanto fechados, onde “só há espaço para a reduplicação da identidade; por conseguinte, só há lugar para os mesmos sentidos” (INDURSKY, 2007, p. 166).

À medida que seus estudos avançam, passam a aquiescer em outras modalidades de tomadas de posição dos sujeitos. Em breve descrição, diremos que Pêcheux identificou três movimentos referentes às formas de inscrição dos sujeitos nas formações discursivas, dos quais citaremos aqui, apenas dois. Primeiro detectou a reduplicação, em que a identificação plena do sujeito com os discursos da formação discursiva à qual pertence. “Consiste numa superposição (um recobrimento) *entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal*, deste modo a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “*livremente consentido*””. (PÊCHEUX, 2014, p. 199).

A seguir, observa que no processo que abrange as identificações das posições sujeito, há espaço para contestações e/ou ressalvas, constatando a contra-identificação dos sujeitos juntos à formação discursiva na qual estão inscritos.

O discurso do “mau sujeito”, discurso no qual o sujeito da enunciação se volta contra o sujeito universal por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”: luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência, evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno (PÊCHEUX, 2014, p. 199).

A partir dos postulados pecheuxtianos, diremos que, de acordo com a formação discursiva, cada nome (*vulva*, *vagina* ou *buceta*), relacionar-se-á com posições sujeito diferentes ocorrendo, portanto, atribuições de sentidos distintos. Começemos pelas definições fornecidas pelo dicionário para a palavra *vulva*:

substantivo feminino anat conjunto das partes externas dos órgãos genitais femininos dos mamíferos [Na anatomia humana, compreende o monte pubiano, os grandes e pequenos lábios, o clitóris, o vestíbulo da vagina, as glândulas de Skene, as glândulas de

Bartholin, a abertura da uretra e a vagina.]. lat. vulva (volva), ae no sentido de 'vulva, útero, madre; ventre de porca; ventre (de mulher), pele da fruta'.²³

A utilização do termo *vulva* impõe uma distinção diante do uso da palavra *vagina*, pois no interior de uma mesma formação discursiva (considerando a heterogeneidade da formação discursiva com relação a ela mesma) há disputas permanentes entre sujeitos e sentidos. “Não há coincidência entre a ordem do discurso e a ordem das coisas. Uma mesma coisa pode ter diferentes sentidos para os sujeitos. E é aí que se manifesta a relação contraditória da materialidade da língua e a da história” (ORLANDI, 2007b, p. 21).

Durante muito tempo, a palavra *vulva* foi relacionada ao vocabulário médico. Entretanto, algumas correntes ligadas a movimentos feministas têm utilizado esse termo no intuito de fazer deslizar esses sentidos. O imbróglio a ser combatido envolve o maior uso da palavra *vagina* e os aspectos negativos que tal escolha pode acarretar. Segundo artigo do site Huffpost²⁴ publicado em 28 de outubro de 2015, Laure Mintz, professora de Psicologia na Universidade da Flórida e autora do livro *A Tired Woman's Guide To Passionate Sex*, afirma que ao elegerem para a designação de seus órgãos genitais a palavra *vagina*, as mulheres estariam atrelando sua sexualidade a partir de uma perspectiva que dá preponderantemente aos homens heterossexuais maior prazer.

Tal seleção lexical, para além de desconhecimento, implicaria, portanto, em desprezo pelo corpo feminino (por parte dos homens heterossexuais) no que há nele de mais singular, já que o clitóris, um dos responsáveis por maior deleite sexual às mulheres, estaria localizado na *vulva* e não na *vagina*. A professora ainda acrescenta que cada vez que usamos a palavra *vagina* quando na realidade queremos falar *vulva*, estamos apagando a parte nos é mais prazerosa. Vejamos quais são as descrições que o dicionário relaciona à palavra *vagina*:

Vagina: 1 briol; ant. nos antóceros, bainha que envolve o esporogônio, formada pela concrecência da parede do arquegônio e o tecido talinho 2 anat nas fêmeas dos mamíferos, conduto musculomembranoso que vai do útero ao orifício externo do canal genital ;2.1 p.ext.;

²³ Disponível em www.houaiss.uol.com.br. Acesso em 11 de novembro de 2019.

²⁴ Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/lets-clear-up-the-vagina-vs-vulva-debate-once-and-for-all_n_562f99dfe4b06317990f73c8?ri18n=true Acesso em: 13 de novembro de 2019.

anat.zoo canal de função e localização semelhantes, observado em diversos outros animais;³ bio qualquer formação ou estrutura anatômica tubular que serve de revestimento para um órgão ou parte dele.²⁵

Os efeitos ideológicos subjazem em ambas definições. Faz-se mister lembrar que “o dicionário é um instrumento linguístico, espaço de construção de uma memória social em que se marca a relação da ciência com o Estado.” (Orlandi, ano, p.84) O lugar social de um homem heterossexual é historicamente diferente do de uma mulher. De acordo com Perrot (2016, p. 63):

A mulher é um ser em concavidade, esburacado, marcado para a possessão, para a passividade. Por sua anatomia. Mas também por sua biologia. Seus humores – a água, o sangue (o sangue impuro), o leite – não têm o mesmo poder criador que o esperma, elas são apenas nutrizas. Na geração, a mulher não é mais que um receptáculo, um vaso do qual se pode esperar que seja calmo e quente.

A descrição acima denuncia uma memória perpassada por misoginia, que reverbera na inscrição em posição sujeito de uma determinada formação discursiva. “O dizível se parte em diferentes regiões desigualmente acessíveis aos diferentes sujeitos.” (ORLANDI, 2007b, p. 20). O dizível comporta o não-dizível e a regulação de dizeres fica a cargo da formação discursiva em que posições se inscrevem. É a desigualdade das posições- sujeito pertencentes ou não a uma mesma formação discursiva o que confere opacidade às palavras. Dito de outra forma: quando um homem heterossexual diz vagina, sua posição-sujeito é diferente da de uma mulher que diz a mesma palavra. Se as posições são desiguais, os sentidos também o são e é exatamente nesse entremeio que as disputas ocorrem.

Vulva passa do escopo de linguagem médica à forma de engajamento a políticas feministas. *Vagina* rompe o limite da naturalização imposta pelo senso-comum e desliza em direção ao cerceamento da sexualidade feminina. *Buceta* irrompe no discurso feminista de *Sangria* e com esse movimento atravessa as fronteiras de linguagem não aceita socialmente. Interessante observar que a variante linguística *buceta* (com “u”) não se encontra dicionarizada, sendo possível encontrar apenas descrições relacionadas a variante *boceta* (com

²⁵ Disponível em www.houaiss.uol.com.br. Acesso em 11 de novembro de 2019.

“o”).

Boceta (ê). substantivo feminino; 1 caixinha redonda, oval ou oblonga, feita de materiais diversos e us. para guardar pequenos objetos «uma b. de confeitos»; 2 (1899) B, MAD caixa de rapé; 3 B, MAD bolsa de borracha para guardar fumo; 4 (sXVIII) B; tab. Vulva; 5 agr; P variedade de tangerineira; 6 (1911) psc; B tipo de aparelho de pesca at. bŭxis,ĩdis no sentido de 'espécie de recipiente, caixa', através do fr. boîte (c1150) 'recipiente com tampa, caixa'; f.hist. sXIV boceta, sXIV bouceta, sXIV bucheta, sXIV buxeta no sentido de 'caixinha'.²⁶

À impossibilidade do uso da palavra *buceta*, atribuímos um deliberado desejo de silenciamento, que difere do silêncio fundador, pois “a política do silêncio produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz, enquanto o silêncio fundador não estabelece nenhuma divisão: ele significa em (por) si mesmo” (ORLANDI, 2015, p. 73). Os versos de *Cólica* deixam claro que estamos diante de uma política que interdiz o uso da palavra *buceta*.

você conseguiria ler a palavra

BUCETA

sem gaguejar na segunda sílaba?

As sutilezas semânticas que recobrem as opções entre vulva e vagina corresponderiam ao que Orlandi (2007b, p. 73) nomeou como “silêncio constitutivo. Enquadrado dentro da política do silêncio, o silêncio constitutivo atua como um anti-implícito”. Mesmo diante de uma ampla gama de possibilidades que se propõe nomear a genitália feminina, palavras como *vagina*, *vulva* ou *buceta* não são capazes de “dizer” tudo a respeito dos órgãos sexuais como da própria sexualidade da mulher. A ânsia pela contenção dos sentidos é um dos fatores que move os sujeitos a criarem nomeações diversas para um mesmo órgão. Justamente nesse ponto a pujança do silêncio se faz notável, pois “o sentido é múltiplo porque o silêncio é constitutivo” (ORLANDI, 2015, p.71).

O sujeito nomeia, mas sente que não capturou a amplitude do que pretendia dizer, pois o silêncio ainda está presente e o incomoda. Então, diz de outra forma. Ainda assim, persiste a

²⁶ Disponível em <http://www.houaiss.uol.com.br>. Acesso em 11 de novembro de 2019.

falta, o sujeito percebe que falhou e tenta novamente, falando de outra maneira e, nesse processo por vezes belicoso, sem marcação de início nem fim vão se dando as disputas entre sujeitos e sentidos. “Presença e silêncio se enrolam no mesmo acontecimento de linguagem: o significar” (ORLANDI, 2015, p. 71).

Para dizer *vagina*, o sujeito deixa dizer necessariamente outras palavras que levam a outros efeitos de sentidos. Dito de outra forma: ao falar *vagina*, o sujeito “silencia” o termo *buceta*, e vice-versa. Esse mecanismo é descrito por Orlandi (2007b, p. 73) como silêncio constitutivo.

Determinado pelo caráter fundador do silêncio, o silêncio constitutivo pertence à própria ordem de produção do sentido e preside qualquer produção de linguagem. Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o anti-implícito: se diz “x” para não (deixar) de dizer “y”, este sendo o sentido a descartar do dito.

Subjaz a esse recorte o aspecto político que aciona o uso de determinadas expressões e interdita outros. O mecanismo linguístico apresentado trabalha no intuito de apagar/silenciar o ideologicamente indesejável e seus possíveis sentidos ao mesmo tempo em que coloca a probabilidade da instauração de uma nova formação discursiva. “Podemos dizer, generalizando, que toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis, o que mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis: contradição inscrita nas próprias palavras” (ORLANDI, 2007b, p.74). Dito de outra forma: as palavras *vagina*, *vulva* ou *buceta* (casos que aqui tratamos) são perpassadas pelo silêncio, elas não são compactas em suas significações. São esses espaços silenciosos que as constituem, jamais vazios, mas prenhes de sentidos, que permitem que se diga também *perseguida*, *xana*, *xoxota* etc.

Vagina e vulva são palavras socialmente mais aceitas, se comparadas à *buceta*, pois esta é alvo de censura. “A censura trata-se da produção do silêncio de uma forma fraca, isto é, é uma estratégia política circunstanciada em relação a política de sentidos: é a produção do interdito, do proibido” (ORLANDI, 2007b, p. 75).

Pensamos que tanto *vagina* quanto *vulva* provavelmente coexistam em uma mesma formação discursiva. Já *buceta*, considerando o gaguejar aludido no poema *Cólica*, aloca-se em outra formação discursiva. Os sentidos entre *vulva* e *vagina* deslizam diante da inscrição

ideológica que abriga a posição do sujeito que diz *buceta*. Lembremos o que diz Pêcheux (2014, p. 146-147):

[...] o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições etc., mudam segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência as *formações ideológicas*.

A palavra *buceta*, hodiernamente, traz consigo sentidos pejorativos e, por isso, gaguejamos ao dizê-la. Isso nos leva a pensar que *vagina* e *vulva* provavelmente coexistam em uma mesma formação discursiva. Porém, *buceta*, alocaria seus sentidos em outra formação discursiva. “Se a linguagem fosse um simples instrumento de decalque neutro de uma ‘realidade’ única, o vocabulário ‘tendencioso’ não existiria” (MAINGUENEAU, 2010, p. 83). Se pensarmos a palavra *buceta* como não aceita socialmente e silenciada historicamente, tais gestos “empurrariam” esta expressão na direção de uma outra formação discursiva. “O domínio da sexualidade, como todo domínio da atividade humana, circunscreve determinada área do léxico, aquela que serve para designar as partes do corpo e as operações diretamente ligadas às atividades sexuais.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 82). A relação entre o dizível (*vulva*, *vagina*) e o não-dizível (*buceta*) sofre modificações. Há que se considerar, no entanto, “a heterogeneidade da formação discursiva com relação a ela mesma porque os limites do dizer, as diferentes regiões de sua constituição, refletem sua relação com a exterioridade (o outro sentido), por outro lado o sentido é errático, podendo migrar de uma região para outra” (ORLANDI, 2007b, p. 80). Os saberes provenientes de um todo discursivo possível (do interdiscurso) chegam à memória discursiva que delimita quais formações discursivas farão uso das palavras *vagina*, *vulva* e *buceta*.

Ao tomar as formações discursivas como forma de existência material das ideologias, entendemos que os sentidos não se fixam a nenhuma expressão, não pertencem a qualquer sujeito ou posição que este venha a ocupar. Logo, consideramos *buceta* uma expressão

atravessada por ideologias no jogo histórico contínuo. Interditada hoje, mas, talvez, amanhã socialmente usada e/ou aceita, pois “o melhor jeito de desmistificar uma palavra ou expressão é usá-la sem preconceitos. Há que se tomar o cuidado de não as banalizar, pois todas elas merecem respeito, afinal carregam conceitos que podem sempre nos fazer pensar melhor” (TIBURI, 2018).

A escolha que compreende *buceta* prevê dizê-la a partir de outra forma de inscrição e, talvez, numa outra formação discursiva. Socialmente discriminada, essa palavra é frequentemente interditada. No entanto, considerando os discursos como processos dotados de dinamicidade e concebendo uma formação discursiva composta por fronteiras porosas, a variabilidade entre dizeres deve ser sempre observada. Essa é, pois, a transgressão proposta em *Sangria* observável no poema *Cólica*:

MINHA BUCETA É UMA GARGANTA

MINHA BUCETA GRITA

MINHA BUCETA É UM CORAÇÃO

MINHA BUCETA PULSA

O silêncio imposto à palavra *buceta* em *Sangria* foi transformado em arte e a arte impõe seu modo próprio de significar, transgredindo os limites do que pode ser dito e subvertendo valores impostos socialmente. A sociedade reprova o uso da palavra *buceta*, mas *Sangria* vocifera: *MINHA BUCETA GRITA*. De acordo com Orlandi (2007b, p. 82):

Nessas condições, o autor trabalha sua negação em face do real: quando ele conta sua história (contada), ela se torna literatura e ele entra para a História (contada). É uma forma de sair do silêncio definido pela censura e que significa sua falta de liberdade de agir sobre o real, resultando na impossibilidade de criticar, de discordar, em suma, na impossibilidade de dizer “certos” sentidos. Para retrabalhar o movimento de seus processos de identificação, diante da censura, é necessário que o sujeito recomponha suas relações, que lhes dê uma unidade a partir de sua vontade.

A sociedade segrega e reduz o uso da mesma palavra a guetos de pouca visibilidade social. Artista e arte expõem e exploram os sentidos da imagem e da palavra ao mesmo tempo, dizendo: *MINHA BUCETA É UM CORAÇÃO*.

6.2 IDEOLOGIA E IMAGINÁRIO: AS FALHAS NO RITUAL

A sobredeterminação da ideologia sobre os discursos leva à sedimentação dos sentidos. Esses inculcamentos, não raro, se constituem sobre tentativa empenhada em sustar outras possibilidades discursivas, bem como as subjetividades aí contempladas. Nesta seção, buscamos refletir acerca do processo de atribuição de sentidos relacionado a determinadas nomeações pelas quais conhecemos a genitália feminina. Nossa análise entende como desdobramento de tais gestos, possível segregação do curso desses sentidos a um campo minado por preconceitos e interdições. As formas como conhecemos e nomeamos os genitais externos femininos se constrói sobre a preponderância de certas palavras (aceitas socialmente) em detrimento de outras.

Na seção anterior citamos o caso da palavra *buceta* e o uso de palavras que mais frequentemente ouvimos ou falamos, como *vagina*, *vulva*. Desejamos estender nossa reflexão sobre tais ocorrências por meio da relação entre Ideologia, assujeitamento e imaginário. Antes, porém, gostaríamos de nos deter sobre as particularidades que envolvem a constituição da noção de sujeito para a Análise do Discurso, pois ela serve de suporte às análises propostas.

Anteriormente citamos as noções de *lugar social* e *posição de sujeito*. Agora destacamos que o sujeito que estudamos não se associa diretamente à ideia de um ser de carne e osso, relacionado a um nome próprio, cômico de seus dizeres, mas, aquele que por meio de interpelações de cunho ideológico se inscreve como posição em um determinado sítio de dizer. O aspecto ligado à interpelação ideológica também requer atenção, pois a ideologia integra a constituição dos sujeitos.

No campo de estudos de viés peuceuxiano, a ideologia não é entendida como ocultação ou distorção de saberes. Ela é, antes, condição necessária para que os sujeitos digam. Em outras palavras: o sujeito só diz algo a partir de um efeito ideológico. Outra característica igualmente importante quando se pensa em sujeito é que ele se constitui na relação com o Outro, donde podemos dizer que ele significa na medida em que é significado. “O Outro, aqui grafado com letra maiúscula, designa o que Lacan, em boa parte de sua obra, recorta da linguagem verbal enquanto tesouro de significantes, como representação de uma cena anterior, exterior e permeada pelo simbólico” (MAGALHÃES & MARIANI, 2010, p.

403). Nesse processo, marcado pelo imbricamento e pela não obviedade, cumpre destacar o papel da Psicanálise como uma das filiações teóricas da Análise do Discurso que contribui sobremaneira com a inclusão da ordem do inconsciente como uma das instâncias de constituição básica ao sujeito. A este respeito, nos diz Ferreira (2010, p.25):

A categoria de sujeito procede da Filosofia e ganha com Lacan um estatuto próprio ao ser introduzida com destaque no campo psicanalítico. É sempre bom lembrar, contudo, que Freud, ainda que não a nomeasse diretamente, já tratara em textos iniciais, do que seria o essencial em matéria de inconsciente. A concepção de sujeito formulada por Lacan, como um essencial sujeito descentrado, efeito do significante que remete a outro significante, encontra eco em outros campos das ciências humanas, como é o caso da análise do discurso. E Pêcheux não fica surdo a essa voz; muito ao contrário.

A dinâmica que compreende os processos discursivos elege formas de dizer, das quais o sujeito irá se valer. Essas escolhas estão relacionadas ao que Pêcheux denominou esquecimentos nº 1 e nº 2. O primeiro, diz respeito à ilusão (constitutiva do sujeito), que crê ser a origem de seu próprio dizer. Já o segundo esquecimento, se embasa sobre uma ilusão referencial (ORLANDI, 2007a), em que o sujeito tem a impressão de que aquilo que diz só pode ser dito daquela maneira. A quimera que recobre origem e originalidade é o que faz com que os sujeitos produzam seus discursos. Sujeito e sentidos, portanto, se equilibram permanentemente nas ilusões (esquecimentos) que os constituem.

Esquecer é condição necessária para lembrar. Entretanto, algumas vezes, os esquecimentos são domesticados e direcionados fazendo com que a memória discursiva traga à tona apenas alguns saberes, isto é, os aceitos pela formação discursiva na qual o sujeito se encontra inscrito. Sobre esta passagem incidem certos apagamentos, pois “a ideologia - enquanto mediadora da relação entre o sujeito e a linguagem – pressiona a interpretação, forçando um direcionamento dos sentidos” (HANSEN, 2013, p. 152).

Em casos como o apresentado em *Sangria*, há uma interdição de sentidos enlaçada à constituição dos processos discursivos. Sabemos que a produção dos discursos não se dá de maneira fortuita. Em qualquer nível de formulação, há a necessidade de que os sujeitos lancem mão de um imaginário específico para que produzam seus dizeres. Ao tocar em

questões relacionadas ao imaginário, destacamos as contribuições de Lacan e da Psicanálise levando em conta suas implicações para a Análise do Discurso. Segundo Morales (2008, p. 41):

Lacan coloca a psicanálise no lugar de rompimento com a ideologia da transparência. Toda a atividade da psicanálise transcorre no campo da linguagem. O sujeito que fala tem um corpo feito pelo discurso e pelo desejo do outro que inscreve suas marcas nele. O corpo de que fala a psicanálise é visto como um sistema de representações centrado imaginariamente no “eu” do enunciado. O imaginário é o que dá uma espécie de liga aos significantes e apazigua assim o enigma que é o discurso do Outro.

A proposta de Pêcheux, no entanto, reconhece outros sentidos para a noção de imaginário que o reformulam e promovem seu deslocamento. Para esta teoria “é via imaginário que o sujeito se relaciona com a realidade. Essa relação não é direta, ela é mediada pela linguagem enquanto campo simbólico da elaboração do sentido.” (MORALES, 2008, p. 43). A linguagem como imbricamento de imaginário e ideologia ocorre, portanto, no interior de uma formação discursiva. Não esqueçamos, porém, que de acordo com os postulados teóricos de AD, não há possibilidade de estabelecimento de relações termo a termo, onde, via de regra, se esteiam as taxonomias. De acordo com (ORLANDI, 2015, p.51-52):

A linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdo. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz. Pela natureza incompleta do sujeito, dos sentidos e da linguagem (do simbólico), ainda que todo sentido se filie a uma rede de constituição, ele pode ser um deslocamento nessa rede.

Particularmente, em *Sangria*, sobressai-se o aspecto por meio do qual formas de nomear mais tacham do que distinguem. As distintas nomeações relacionadas à genitália feminina caracterizam trabalhos do inconsciente que “não para de voltar no sujeito e no sentido que ele pretende instalar” (PÊCHEUX, 2014, p. 276). Sujeito e inconsciente se encontram ligados pela linguagem. Ao destacar palavra buceta, o poema abre reflexão que permite o questionamento acerca de uma falha no ritual discursivo. O que impede que pronunciemos a palavra *buceta* sem gaguejar está relacionado com a posição-sujeito na qual nos inscrevemos, o que por sua vez tem a ver com nossa interpelação ideológica. Ideologia e inconsciente também mantêm estreita relação em AD. Segundo Henge (2016, p. 89):

Na pulsação sentido/non-sens do sujeito dividido, a todo o tempo, intervém de diferentes modos e formas os traços inconscientes do significante no sujeito, sem serem apagados ou totalmente esquecidos. Esses traços, inclusive, jamais desaparecem, eles permanecem na evidência do sentido fornecida pela forma sujeito ideológica e se dão pelo deslizamento sem origem do significante, no que Pêcheux nomeou como primado da metáfora sobre o sentido.

Dizer *vagina* ao invés de *buceta*, por exemplo, não se trata apenas da substituição de uma palavra por outra, mas é onde o ritual se estilhaça (PÊCHEUX, 2014), onde a ideologia trabalha com mais afinco. “Ao ser interpelado em sujeito pela ideologia, o sujeito do discurso ocupa o seu lugar no emaranhado de discursos e, sempre-já sujeito, resiste” (DE NARDI & NASCIMENTO, 2016, p. 87).

Contudo, é por essa mesma falha que os versos seguintes se corporificam. “É justamente porque há falha no ritual e há a contradição da ordem da ideologia que podemos falar em resistência e em dominação, tomando-as como contemporâneas no sentido de que coexistem sem, no entanto, se confundir” (DE NARDI & NASCIMENTO, 2016, p.88). Logo, temos:

MINHA BUCETA É UMA GARGANTA

MINHA BUCETA GRITA

MINHA BUCETA É UM CORAÇÃO

MINHA BUCETA PULSA.

Ao ocupar lugar no tramado discursivo, o sujeito se inscreve e de sua posição produz versos que subvertem os sentidos (comumente pejorativos) da palavra *buceta*. Pela subversão, os sentidos de uma palavra como *buceta* deslizam, possibilitando analogia desta com uma garganta e um coração. Os gritos e pulsações de tais versos encontram abrigo junto a formações discursivas identificadas com os movimentos feministas, espaço em que as manifestações de *Sangria* alcançam ressonância de sentidos para seus dizeres.

7 PARÁFRASE E POLISSEMIA

7.1 DO PAU-BRASIL AO PAU HEGEMÔNICO: A INQUIETAÇÃO MANIFESTA NO MANIFESTO DISCURSIVO DE SANGRIA

No capítulo anterior, tratamos de nomeações. Aqui elas também estarão presentes, mas dessa vez, nossa reflexão contemplará os mecanismos que envolvem paráfrase e polissemia. O dizer nos fratura entre ser e não ser. Passamos toda nossa existência tentando soldar significados a significantes na ânsia pela contenção dos sentidos, contudo eles se proliferam e oferecem generosidade polissêmica, à qual os sujeitos retribuem parafrasticamente. Sujeitos e sentidos: uma relação marcada por alianças e litígios, às vezes, mais litígios que alianças, como no caso do poema do dia 1, intitulado *Nome Completo*. Selecionamos dele um trecho. Agora, vemo-lo em parte e sobre partes nos detemos considerando a contradição como integrante de quaisquer efeitos. De sentidos.

PAU-BRASIL

o pau branco hegemônico enfiado à torto e à direito suposto direito

de violar as mulheres o pau-a-pique

o pau-de-arara

o pau-de-araque

o pau-de-sebo

o pau-de-selfie

o pau-de-fogo

o pau-de-fita O PAU

A série de nomeações nos é familiar. Conhecemos a história do Pau-brasil que deu nome ao nosso país, aprendemos ainda na escola que o pau-a-pique é matéria-prima que compõe a habitação de muitos brasileiros, já do pau-de-arara tentamos nos esquecer... As formulações acima indicam que “o saber discursivo foi-se constituindo ao longo da história e foi produzindo dizeres” (ORLANDI, 2015, p. 31). O que permite que tantos “paus” sejam elencados e interpretados por nós no discurso é o eixo da sua constituição (interdiscurso).

Da exterioridade que enumera “tipos de paus” à interioridade, quando mergulhamos no texto de *Sangria* e o interpretamos, o interdiscurso exerce sua determinação. Da situação que no texto pontua a *hegemonia do pau* até as condições de produção que ensejam a existência do poema, é o interdiscurso que regula “todos esses sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes e que tem um efeito” (ORLANDI, 2015, p.29) sobre o que o poema coloca

Faz-se mister, então, refletir sobre o porquê de tantos “paus” terem sido incorporados à linguagem cotidiana. Nesse espaço, entretanto, restringiremos nossas análises a aspectos específicos que se relacionam com a hegemonia social masculina e suas reiteradas alusões ao fático como símbolo de poder. Gallop (2016, p. 280-281) sustenta:

O pênis é o que os homens têm e as mulheres não têm; o falo é atributo do poder que nem os homens nem as mulheres têm. Mas enquanto o atributo do poder for um falo que só pode ser significado por referência a um pênis, essa confusão sustentará a estrutura em que parece razoável que os homens tenham poder e as mulheres não o tenham.

Os paus descritos sob diferentes nomeações estabelecem, desde nossa ótica, relações de poder. A repetição em diferentes manifestações linguageiras reforça a importância atribuída a elementos fáticos inseridos em nossa cultura. Como diz outro poema de *Sangria*, não é à toa...

A cultura dita normas em relação ao corpo. A mais simples observação em torno de nós poderá demonstrar que o corpo humano é afetado pela religião, pela profissão, pelo grupo familiar, pela classe social e outros intervenientes sociais e culturais. Ao corpo se aplicam também crenças e sentimentos que estejam na base da nossa vida social (BRUHNS, 1994, p. 43).

As influências culturais exercidas sobre o corpo podem ser pensadas como parte de um processo que prevê, de igual maneira, as determinações deste sobre seu entorno. Fraturado pelo simbólico e, ao mesmo tempo atravessado por inúmeras atribuições de sentidos, o corpo é fio que liga sujeito às práticas sociais. Assim sendo, o corpo assujeitado também assujeita. Foram os sentidos ligados aos campos de saber sob dominação masculina aqueles que historicamente se impuseram ao corpo feminino – *pau branco hegemônico enfiado a torto e a direito*. Pela força (física ou psíquica), pelo inculcamento ideológico – *suposto direito de*

violar as mulheres - pela gramática de que faz uso e onde encontra respaldo para prescrever comportamentos socialmente aceitos ou não. “Corpo não é só natureza (corpo biológico), é também cultural (corpo social)” (BARBOSA, 1984, p. 15).

Apesar de o pau estar em todos os lugares, o mesmo poema diz – A COLONIZAÇÃO COMEÇOU PELO ÚTERO, o que nos leva a refletir sobre os mecanismos históricos usados para que a dominação masculina se instaurasse, foi preciso ‘colonizar’ o feminino, singularizado no verso pela palavra útero. Interessante observar entre as descrições para ‘colonizar’ uma em que os sentidos parecem coincidir com os que atravessam o poema: conforme o dicionário *Houaiss* colonizar é “verbo t.d.; fig. alastrar-se por propagar-se; invadir”²⁷.

Acaso não seria a colonização pelo útero uma forma de *invadir* o corpo feminino, ignorando a necessidade de consentimento? Se o útero precisou ser colonizado, subrepticamente há o reconhecimento do poder que ele representa. Retrocedendo temporalmente, vemos que a luta dos sujeitos pela hegemonia de sentidos teve na repressão sexual um momento histórico de tirânicas manifestações.

A partir do século XVIII um crescente puritanismo passa a vigorar. Esse pensamento reduz o sexo ao utilitário e fecundo, permitindo, portanto, como única manifestação possível, a sexualidade do casal monogâmico, legítimo e procriador. Sobre as sexualidades periféricas e estéreis teria sido imposto um silêncio geral, uma intensa repressão (BRAGA, 2008, p.31).

Entretanto, a dinâmica que liga sexualidade e poder não se restringiu ao escrutínio de ordem puritanista. Foucault (1988, p. 17) afirma:

Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso.

²⁷ Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/> Acesso em 28 de janeiro de 2020.

Os discursos não se circunscrevem a mecanismos de censura. Formas variadas de imposição ideológica podem ser mais sutis que uma simples interdição. “Verdades científicas são elaboradas a partir de valores culturais e a ciência pode estar impregnada de princípios androcêntricos” (WONS, 2016, p. 42). Ao refletirmos sobre os modos como o domínio masculino foi e, em alguns casos, ainda é exercido discursivamente, pensamos a língua como suporte material e as formações discursivas como um espaço importante nas disputas de poder que se estribam sobre a sexualidade.

Por meio de reiteradas alusões fálicas, saberes foram se sedimentando, fazendo com que a repetição adquirisse status de verdade, levando à incontestabilidade discursos contestáveis. A supremacia social do falo, que algumas correntes feministas, conscientemente, insistem em não dissociar do pênis, alçou posição de superioridade social em relação ao feminino por meio de funcionamentos linguísticos variados.

O debate sobre o valor em Lacan e, para além dele, da psicanálise para o próprio feminismo se centra no falo. O falo não admite diferença, nem outro sexo; enquanto o pênis pode ser inserido no domínio da sexualidade adulta, onde pode encontrar o feminino. Dessa maneira, distinguir falo de pênis é separar a sexualidade infantil da sexualidade adulta. Distinguir o pênis do falo seria localizar uma certa masculinidade que não necessariamente oblitera o feminino. Permanece ainda aberta a questão sobre se em verdade existe uma sexualidade adulta, se há alguma masculinidade que vai além da fase fálica, que não precisa considerar a feminilidade como castração (GALLOP, 2016, p.278).

Metáforas, paráfrases, referências diversas, sucessivas e permanentes reforçaram uma superioridade que hoje é questionada. Segundo Alves (2004, p.24):

O discurso da dominação masculina, apesar de múltiplo e fragmentado, mantém um eixo comum baseado em um sistema de signos, conceitos e pré-conceitos, que identificam o homem com a atividade e a penetração e utilizam os elementos do universo para naturalizar e hierarquizar as características de cada gênero.

A complexidade dos percursos discursivos elege dinâmicas que trabalham sobre tensão e coexistência: paráfrase e polissemia. São os *paus parafrásticos*, contudo, também

polissêmicos, pois permitem o equívoco entre nomeações - De que paus estamos falando? O que eles significam? Como se apresentam? A multiplicidade de designações fálicas como *pau- de-arara, pau-de-araque, pau-de-selfie etc.*, indica que a saturação desse nome pode estar relacionada ao silenciamento de outra parte, qual seja, o feminino e suas singularidades entendidas como manifestações de insubordinação e empoderamento. Orlandi (2008, p. 49), coloca:

Há um des-controle nessas relações. E ao des-cotrole, à desorganização, à di-fusão, à con-fusão corresponde não ao heterogêneo, mas a diferença: o *silêncio* (e não o implícito) como constitutivo, em que a *metáfora* tem o estatuto, não o desvio, mas do lugar da necessidade do sentido (que circula) e, enfim, a *paráfrase* como matriz em que o um remete ao outro, mas sem porto originário (ou seguro). O sentido não tem origem. Não há origem do sentido nem do sujeito (onto) nem na história (filó). O que há são efeitos de sentido.

Não há possibilidade de pensarmos uma única designação como origem a outras. O PAU²⁸ e os paus mencionados no poema podem possuir a mesma grafia, mas se embaralham em meio à exterioridade pelas quais estão submetidos. Conforme o dicionário Houaiss (2020), a palavra pau contém inúmeros significados. Pode ser qualquer tipo de madeira, seja uma lasca dela ou mesmo um cajado. Ou ainda, pode se referir à trave do gol no futebol, cada um dos chifres de um animal, mastro, haste e, por fim, o próprio pênis. A recorrência ao dicionário aponta alguns aspectos importantes que merecem ser destacados: Segundo Orlandi (2000, p.99-100):

²⁸ **Pau** substantivo masculino; 1 qualquer madeira, ou pedaço dela (p.ex., acha, lasca, vara, viga etc.) <p. para lenha> <banco de p.>; 2 bastão, cacete, cajado <deu-lhe uma surra de p.>; 3 p.met.; infm. surra, espancamento <tomar um p.>; 4 futb trave do arco <a bola passou rente ao segundo p.>; 5 p.ext. qualquer pedaço de substância sólida semelhante a um pau <p. de chocolate> <canela em p.>; 6 cada um dos chifres dos animais; corno <os p. dos bois>; 7 peça de madeira fina e comprida; mastro, haste <p. de um estandarte> 8 (sXVII-XVIII) infm. ou tab. Pênis; 9 infm. determinada unidade monetária <gastei cem p. nestas compras>; 10 B; infm. conflito ou briga em que se envolvem muitas pessoas; rolo <meteu-se num p. terrível>; 11 (1911) B; infm. reprovação em exame <levar p. no vestibular> <ir ao p. na prova de matemática><tomar p. no concurso>; 12 p.met. (da acp. 1); B, ANG; infm. m.q. árvore (no sentido de 'vegetal lenhoso') ou arbusto <p. que não dá sombra não quero aqui>; 13 edit, jor; B; infm. entre os revisores, o ponto de exclamação; 14 mar qualquer estrutura simples de madeira onde se içam bandeiras, sustentam-se embarcações, peso etc. <p. da bandeira> <p. de carga> <p. de surriola>; 15 mar; infm. serviço habitual; plantão <estar de p.>; adjetivo de dois gêneros; 16 (1902) B; infm. que causa enfado; maçante, cansativo <conversa p.> <sujeito p.>; 17 que causa embaraço <desfazer um namoro é uma situação muito p.>.

O dicionário como parte de nossa relação com a língua valoriza o conhecimento histórico e não tem apenas função normatizadora. Por outro lado, e não menos importante, podemos também compreender o funcionamento da ideologia, pois ao tomar o dicionário como discurso, podemos ver como se projeta nele uma representação concreta da língua, em que encontramos indícios do modo como os sujeitos - como seres históricos-sociais, afetados pelo simbólico e pelo político sob o modo de funcionamento da ideologia - produzem linguagem

É preciso, no entanto, jamais esquecer que tais nomeações coexistirão sob tensão, pois a configuração de uma formação discursiva é marcada por instabilidades que se reconhecem até mesmo em seus limites. De acordo com Orlandi (2008, p. 48):

O jogo de paráfrases é que dá as distâncias (relativas) dos sentidos na relação de diferentes formações discursivas. Pelas paráfrases os sentidos (e os sujeitos) se aproximam e se afastam. Confundem-se e distinguem-se. É isso o que se percebe se, ao invés de se tomar como referência (na produção de sentido) o sujeito centrado em si mesmo, pensa-se o jogo de relações entre formações discursivas diferentes.

Se a busca pela origem do vocábulo *pau* não é elemento definidor desde nossa filiação teórica, é porque acreditamos que os sentidos circulam. “Inscrever um sentido na relação das diferentes formações discursivas, encontrar seu lugar, o seu modo de significar, é o trabalho do analista do discurso” (ORLANDI, 2008, p. 49).

O pau que deu nome ao nosso país faz parte de uma rede de sentidos. Não procuramos suas origens e tampouco desejamos demarcar seu fim. Acreditamos no caráter processual da linguagem e sobre ele nos constituímos.

8 QUANDO VIREI MOCINHA: ENTRE OS EFEITOS DO PRÉ- CONSTRUÍDO E DO DISCURSO TRANSVERSO

Tomando por base a reflexão sobre o funcionamento do interdiscurso, contemplamos, neste capítulo, as relações entre as noções de pré-construído e discurso transversal, bem como seus desdobramentos nas instâncias de leitura e interpretação de dizeres. É indissociável, tanto aos efeitos de evidência como de deslizamento de sentidos, o imbricamento entre aquilo que pertence à ordem do já-dito e suas contínuas formulações e (re)formulações, tomadas em relação com os ditos, não-ditos e os por dizer. Quando dizemos algo, o fazemos mediante associação linguístico-temporal com outros discursos. O que dizemos faz parte de um *continuum* da linguagem. Do contrário, não haveria razão nem possibilidade material de/para dizer. Estar, participar e colaborar com a rede de sentidos que nos constitui é o que funda nossos dizeres. Ocorre que o fio do discurso carece de uma forma ilusória de delimitação, um espaço onde aquilo que dizemos encontre ressonância e possa estabelecer relações de aliança. “É nesse reconhecimento que o sujeito se “esquece” das determinações que o colocaram no lugar que ele ocupa” (PÊCHEUX, 2014, p. 158). O dizer também se alimenta de antagonismos em que disputas se travam, e não raro, sentidos resvalam. Para que a arena discursiva exerça seu funcionamento, há de se considerar a instância das formações discursivas. Elas compõem o que denominamos anteriormente de interdiscurso. É Pêcheux (2014, p.149) quem detalha: “Propomos chamar de interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei da desigualdade-contradição-subordinação que, caracteriza o complexo das formações ideológicas.”

A consideração do encadeamento entre noções é, pois, característica importante para que consigamos compreender os processos pelos quais nossos discursos adquirem sentido, já que “para ancorar-se, o interdiscurso intervém a partir de dois tipos de funcionamento: o pré-construído e a articulação de enunciados” (ERNST et al, 2014, p.134). Tomemos para análise o verso a seguir retirado do poema do dia 9 de *Sangria*, intitulado *1ª Menstruação*:

Quando virei mocinha

Não teve luxo

*Não teve pompa**Só as trompas*

Quando alguém declara ter se tornado *mocinha* prescindimos de maiores explicações, afinal, o que nos diz parece evidente. De acordo com Courtine (2014, p.74) essa é “uma construção anterior, exterior, independente por oposição ao que é construído na enunciação.” Trata-se de um pré-construído. É como se todo mundo soubesse o que significa ser *mocinha*. Entretanto, sabemos que nossas interpretações são atravessadas pela ordem histórico-ideológica que, desde onde refletimos, contempla o movimento processual dos sentidos.

No entanto, expressão *mocinha*²⁹ remete a efeitos de sentidos que ‘dialogam’ com o que já foi dito antes, em outro lugar. Nos versos acima, essa expressão vai ao encontro dos sentidos que se apresentam pelo título do poema: *1ª menstruação*. Ser *mocinha* de acordo com o contexto descrito pelos versos mantém estreita relação com outras formas de nomeação ligadas à pessoa do sexo feminino que geralmente ao entrar na puberdade começa a menstruar. Tal concepção vê na menstruação um marco de entrada da menina no mundo adulto. Dito de outra forma: a menina vira *mocinha*.

Neste ponto da análise é importante abrir espaço à reflexão que conduz às construções sociais associadas aos gêneros, visto que elas integram as formas como os sujeitos se inscrevem e o modo como se manifestam discursivamente.

A distinção entre gênero feminino e masculino trata-se de uma convenção social, cultural, histórica e discursiva, que se dá mediante relações de poder, produzindo mulheres e homens, distinguindo-os como corpos “femininos” e corpos “masculinos”. Operar com o conceito de gênero, portanto, significa operar numa abordagem que se coloca contra a naturalização do feminino e do masculino, na direção de compreender que, ao longo da vida, através das diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como mulheres e homens (GRANTHAM & TRINDADE, 2017, 224-225).

²⁹ Mocinha- substantivo feminino; 1 pessoa jovem, do sexo feminino; jovem; 2 menina que entra na puberdade e que já menstrua; 3 mulher madura, mas não velha; 4 B mulher virgem; donzela; 5 palavra com que freq. se dirige a uma vendedora de loja, recepcionista ou qualquer funcionária de banco, repartição etc.; 6 tab. Meretriz; 7 AMAZ mulher que tem caso amoroso sem ser casada; amante; 8 P jovem ou mulher de classe social inferior que trabalha como criada. Disponível em <http://www.houaiss.uol.com.br> Acesso em 20 de novembro de 2019.

Nosso estudo se alinha ao entendimento de que não há um corpo *a priori*, mas corpos construídos por discursos, corpos que existem na experiência. “Os corpos são o que são na cultura, e não há um corpo natural, mas um corpo produzido por expectativas de gênero” (FÁVERI & VENSON, 2007, p.72). As transformações fisiológicas pelas quais o corpo humano passa são inegáveis, mas não podem ser entendidas como determinantes à constituição do gênero. Assim sendo, as influências de ordem cultural exercidas sobre os corpos interferem sobremaneira nos modos como atribuímos sentidos a eles. A evocação da expressão *mocinha* seria então uma forma de desempenhar controle sobre o corpo feminino, através de discursos que carregam expectativas de como esse corpo deve se comportar socialmente e que devem ser necessariamente respeitadas. Os discursos que atravessam a estrofe de *1ª menstruação*, nos fornecem pistas acerca desses aspectos quando dizem: *não teve luxo, não teve pompa*. São dizeres que acionam relações com outros, entre os quais os que entendem a experiência da passagem de menina à mulher como um momento revestido por solenidade. Entretanto, o rito que envolve a menarca é usualmente marcado por sentimentos de vergonha. De acordo com Fáveri & Venson (2007, p. 70):

As mulheres viveram um silêncio solitário, e aprenderam, na experiência da menstruação, que ser mulher é ser discreta, é ser calada, é aceitar o seu corpo com resignação e sem indagações, afinal, mistério é um atributo do feminino. As mulheres sussurram, têm segredos. Falam entre elas, têm um lugar específico: em casa, escondidas, resguardadas, protegidas. Determinou-se para a mulher o espaço privado, e isso é visto, muitas vezes, como inevitável jogo da natureza, ao invés de ser compreendido como construção cultural: a mulher teria certas debilidades em função de seu sexo, seria desprovida da disposição masculina. E entre si, resguardadas no espaço privado, entre cochichos e reticências, elas elaboram sua sociabilidade.

Dando sequência à nossa análise nos detemos sobre os usos da expressão *mocinha* que se relacionam com sentidos de *donzela*. Refletir sobre a correlação entre essas formas de nomear mobiliza gestos que compreendem a mulher partir de engessamento estereotipado³⁰. Acreditamos ser essa uma forma entre tantas outras acerca das quais aspectos arbitrários

³⁰ “O estereótipo pode criar para o sujeito a ilusão de dominar o outro e sua verdade, porque ao simplificá-lo, ao reduzi-lo a umas poucas marcas constantes e facilmente identificáveis, forja-se a ilusão de que lhe é permitido conhecê-lo por inteiro e, portanto, dominá-lo, dizê-lo” (DE NARDI, 2007, p; 68).

‘etiquetam’ as mulheres tornando-as reféns em uma sociedade estabelecida sob vigência do domínio masculino. Discursos de outras épocas esteiam tais considerações. Segundo Pinsky (2018, p. 58):

Existe uma preocupação constante da sociedade, refletida e reiterada pelos discursos das revistas dos anos 1940 e 1950, em normatizar e controlar a sexualidade feminina. Essas revistas fazem sua parte ao levar às leitoras os parâmetros de certo e errado para que sirvam de modelos de comportamento e para que as próprias mulheres possam se policiar umas às outras.

As distinções entre atribuições relativas ao feminino e masculino perduraram, criando um binarismo engendrado. Foi meio de cruzamentos de saberes de ordem religiosa, econômica e científica, que inculcamentos discursivos, fortaleceram aspectos ligados a dominação masculina. Segundo Bellotti (2007, p. 1):

Desde o triunfo do cristianismo no Império Romano, a cultura patriarcal judaico-cristã modelou os papéis sociais de homens e mulheres, santificando a opressão masculina e a inferiorização feminina. Com o desenvolvimento do capitalismo e do cientificismo na Europa a partir do século XVII em diante, o determinismo biológico ajudou a reforçar a divisão das esferas pública e privada conforme a “natureza” de cada sexo – mulheres na esfera privada, dóceis e domesticadas para o lar e para o matrimônio; homens na esfera pública, cuidando da administração, da política e da economia.

Tudo isso que hoje nos parece tão anacrônico e incompatível ao que vivemos, ainda reverbera em discursos como os de *Sangria*, contemporaneamente marcados pelo engajamento com os discursos feministas. É de ideologia que estamos tratando. Seus efeitos agem ontem e hoje, sobre nós (feministas) e sobre as *mocinhas*. O trabalho da ideologia é reforçar e realçar as bordas das formações discursivas, fazer parecer absurdo que algumas mulheres optem pela passividade subserviente de outrora. Como afirma Pinsky (2018, p. 608) “isso não quer dizer que todas as mulheres pensavam e agiam de acordo com o esperado – e aqui situamos o contexto social dos anos 50 e 60 -, e sim que as expectativas sociais faziam parte de sua realidade, influenciando suas atitudes e pesando em suas escolhas.” A linearidade discursiva que avança sem recuos é ilusória, pois a dispersão é constitutiva dos discursos. Os

acontecimentos desestabilizam sentidos, porém, ao falarmos, a fantasmagoria discursiva vem a reboque. Quem diz que *não serve para mocinha* o faz a partir de uma formação discursiva heterogênea, na qual outras vozes ressoam. Moças, mocinhas, levianas ou não, o que importa é que os discursos se constituem uns a partir de outros. São sujeitos inscritos em posições que variam do antagonismo à aliança e que ainda disputam sentidos, todas interpeladas ideologicamente.

POR UM EFEITO DE CONCLUSÃO

Muitas análises presentes nesta dissertação já faziam parte, há alguns anos, de nossas críticas, sobretudo aquelas concernentes ao papel social da mulher. Entretanto, nossa rebeldia argumentativa esbarrava em um empirismo que, mesclado a fatores de ordem histórico-ideológicas não permitia que nossas reflexões avançassem. Foi com o aprofundamento propiciado pelo suporte teórico da Análise do Discurso de viés pecheuxtiano que encontramos espaço para ampliar nosso estudo sobre como se constituiu e continua a se constituir o que entendemos por feminino. Concatenando noções que, mais tarde, nos serviram de suporte junto às análises e à leitura atenta de *Sangria*, descobrimos discursos para nós insondáveis. Este estudo atento aos detalhes linguísticos, imagéticos, históricos e sociais, por vezes mesmo investigativo, se constituiu em desafio, adquirindo, aos poucos, feição única de prazer.

Para o primeiro capítulo, foi necessário maior conhecimento acerca das causas feministas, bem como das relações de aliança e conflito que as envolvem. O encadeamento entre os saberes relacionados aos movimentos feministas moveu nossa busca na direção de aprofundamento sobre os textos descritos em *Sangria* sob forma imagética e linguística. A obra de Luiza Romão, composta por vídeos, imagens e versos se inscreve temporalmente junto a quarta onda feminista. Trata-se de um manifesto que em uníssono à sua geração, que reivindica justiça tendo como desdobramentos a denuncia que se faz possível pela arte, exposta sob diferentes materialidades e manifestações.

Ao mesmo tempo em que o estudo histórico dos movimentos feministas e suas conquistas nos apresentavam a um universo feminino contemporâneo preñado de transformações, em *Sangria* observávamos a permanência no atravessamento social, de discursos misóginos, que longe de estarem calados, insistem em sedimentar seus sentidos à força, muitas vezes, de violências físicas, deixando marcas indeléveis no corpo e alma femininos.

Compondo batimento analítico-teórico ao qual nos propusemos, no segundo capítulo recorreremos aos postulados pecheuxtianos sobre língua. Libertas da propalada transparência ligada ao âmbito dos estudos linguísticos, tomamos a opacidade que constitui a língua como mote de nossas análises, fato que nos possibilitou observar deslizamentos de sentido que atravessam todos os textos que compõem a obra de Romão.

O capítulo seguinte, buscou retrair uma espiral de noções que compreende as condições de produção indo até os sentidos que a metáfora adquire junto ao edifício teórico da Análise do Discurso. Com a visita a algumas noções, aprofundamos nossa reflexão acerca das determinações histórico-discursivas, permanentemente entrelaçadas pelos aspectos ideológicos. A memória dos discursos foi a noção que serviu de encaixe ao nosso estudo junto ao quarto capítulo.

A partir do deslocamento teórico que envolve este conceito, nosso exercício analítico propôs em um verso de *Sangria*, a existência de duas vozes em litígio, inscritas em uma mesma formação discursiva. As imagens não foram esquecidas. Sendo compreendidas enquanto textos, elas tornaram possível o acesso a discursos variados. Desse modo, mais uma vez a sedimentação de sentidos revelou que as causas feministas carecem de maior visibilidade, já que as imagens de *Sangria* constituem manifesto ao exporem um corpo (da própria autora) que resiste ao enquadramento proposto sobretudo pelos anúncios vinculados à publicidade. Através de textos imagéticos que revelam pelos, agulhas, lâminas e trancas, a arte de Romão nos guiou junto aos discursos, no ponto em que as obviedades se fendem e a memória desacomoda, fazendo ecoar sentidos que confirmam a brutalidade com que foram tratadas as singularidades femininas. Versos e imagens – esses discursos, põem a nu o âmago feminino que reclama pelo (re)conhecimento de suas subjetividades, pela nomeação de sua genitália, pelo direito de existir. A obra nos deixa como lição a necessidade da contestação diante da estabilidade de sentidos, os mesmos que entendem uma mulher e seu corpo como algo a ser explorado e/ou dominado, pois “se agora as mulheres atuam em amplos espaços sociais, políticos e econômicos, ainda se faz necessário elaborar os efeitos dessa presença para a construção de uma cultura verdadeiramente filógena³¹, isto é, amiga das mulheres” (TVDORSKAS, 2015, p. 3).

As formas de nomear serviram de suporte às análises que compreendem o sétimo e oitavo capítulo. O primeiro deles se deteve sobre as noções pelas quais usualmente nos referimos à genitália feminina. Discursos de interdição e misoginia atravessaram nossas análises nos levando a observar as naturalizações que incidem sobre a sexualidade feminina, privando-a do gozo. As formas de nomear também retrataram variações que oscilaram da

³¹ FILOGINIA, do grego *philos*, amigo + *gyne*, mulher - amor às mulheres – antônimo MISOGINIA, aversão às mulheres (RAGO, Margareth, 2001).

repulsa à pejoração.

Em contraponto às nomeações referentes à genitália feminina, o oitavo capítulo se deteve sobre a proficuidade de palavras relacionadas ao órgão sexual masculino. A dicionarização desses termos contribuiu para o reconhecimento de seus usos e contextos. Nosso estudo se fixou sobre uma das estrofes do poema intitulado *Nome Completo*, que abre a obra de Luiza Romão. A listagem de diferentes ‘paus’ mobilizou a reflexão sobre o modo como ocorrem aí os processos de paráfrase e polissemia. A rede de sentidos perfurada pela acidez do poema expôs o império do falo através de mecanismos que não se restringem a aspectos linguísticos. O último capítulo buscou, pelo liame histórico-ideológico, estabelecer diálogo entre os discursos e sentidos que circulavam no tempo de nossas avós e o modo como ressoam nos versos do poema *Menstruação*. As noções de pré-construído e discurso transversal embasaram nossas análises.

Finalizamos este trabalho sem qualquer pretensão de tudo ter dito a respeito da obra, analítica ou criticamente. Entretanto, acalentamos a esperança de que com nossas reflexões, esta dissertação sirva de início e/ou desdobramento a outras análises que seguirão complementando e enriquecendo os questionamentos propostos aqui.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre... [et al.]. **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 4ªed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015
- ALVES, José Eustáquio Diniz. A linguagem e as representações da masculinidade. **Texto para Discussão** (Campinas), Rio de Janeiro, v. 11, p. 1-33, 2004.
- AZEVEDO, Mariana; MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Homens e o Movimento Feminista no Brasil: rastros em fragmentos de memória. **Cadernos Pagu**, v. 1, p. 1-35, 2018.
- BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de Banheiro**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BELLOTTI, K. K. Gênero e Religião. Resenha de SOUZA, Sandra Duarte de. (org.) Gênero e Religião no Brasil: Ensaio Feministas. 2007. São Bernardo do Campo: Editora da UNESP. 167p. **Revista Aulas** (UNICAMP), v. n.4, p. 1-7, 2007.
- BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 29, 2007.
- BÍBLIA DE ESTUDO DESPERTAR. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.
- BRUHNS, Heloisa Turini (Org.). **Conversando sobre o Corpo**. 5.ed. Campinas: Papyrus, 1994.
- CARRETERO, Mario. **Documentos de identidade**. A construção da memória histórica em um mundo globalizado. POA: Ed. Artes Médicas, 2010.
- CASSANA, M. F. Os deslizamentos de sentido: efeitos metafóricos e metonímicos no discurso do corpo. **Letras Escreve**, v. 7, p. 33-58, 2017.
- CASTILHO, Maria Augusta. A.; SILVA, Letícia. Ferreira. Brasil colonial: as mulheres e o imaginário social. **Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, v. 12, p. 257-279, 2014.
- CHAUÍ, Marilena. Souza. **Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecilia Maria. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecilia Maria (orgs.). **O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EDUFSCar, 2014.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima. Feminismo tinha sim: Millôr, humor e feminismo. In: **8º Encontro Nacional de História da Mídia**, 2011, Guarapuava.
- DE NARDI, Fabiele Stockmans. **Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade: reflexões sobre o livro didático para o ensino do espanhol como língua estrangeira**. Tese,

UFRGS Programa de Pós- Graduação em Letras, Porto Alegre, 2007.

DE NARDI, Fabiele Stockmans; NASCIMENTO, F. A. S. A propósito das noções de resistência e tomada de posição na análise de discurso: movimentos de resistência nos processos de identificação com o ser paraguaio. **Signum [Londrina]: Estudos De Linguagem**, v. 19, p. 80-103, 2016.

DELPHY, Christine. **Dicionário crítico do feminismo**. Helena Hirata [et al.]. São Paulo: Editora da UNESP, 2009

DI CIOMMO, R. C. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Revista Estudos Feministas** (UFSC. Impresso), Florianópolis: UFSC-CFH, v. 11, n.2, p. 423-443, 2003.

DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos e o que nos olha. São Paulo: Editora 34, 1998.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: Mary Del Priore (Org.) **História das Mulheres no Brasil**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

ERNST, Aracy Graça; CAZARIN, E. A.; QUEVEDO, M. Para além do efeito de circularidade: interpretando as noções de pré-construído e articulação a partir de enunciados idem per idem. **Gragoatá** (UFF), v. 34, p. 131-144, 2014.

FAURE, Olivier. O olhar dos médicos. In: Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello (orgs.). **História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FÁVERI, Marlene; VENSON, Anamaria Marcon. Entre vergonhas e silêncios e silêncios, o corpo segredado (práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação). **Anos 90** (UFRGS), v. 14, p. 65-97, 2007.

FERREIRA, Maria. Cristina. Leandro. O caráter singular da língua no discurso. **Organon** (UFRGS), Instituto de Letras/UFRGS, v. 17, n.35, p. 189-200, 2003.

_____. A trama enfática do sujeito. In: Freda Indursky; Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). **Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 99-108.

_____. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon** (UFRGS), v. 24, p. 17-34, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **A Arqueologia do Saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GALLOP, J. Além do falo. **Cadernos Pagu**, 2016 (16), 267-287. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644> 548 Acesso em: 14 de dezembro de 2019.

GARCIA, D. A.; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. A sororidade no ciberespaço: laços

feministas em militância. **Estudos Linguísticos** (São Paulo, 1978), v. 44, p. 991-1008, 2015.

GEVEHR, Daniel Luciano; SOUZA, Vera Lucia. As mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. **Revista Acadêmica Licencia&Literaturas**, v. 02, p. 113-122, 2014.

GOLDSTEIN, Donna. The aesthetics of domination: class, culture, and the lives of domestic workers. In: **Laughter out of place: race, class and sexuality in a Rio Shantytown**. Berkeley, University of California Press, p. 149 – 195, 2003.

GRANTHAM, Marilei Resmini, TRINDADE, Patrícia Luiza Gonçalves. Tipo uma menina: Estereótipo e formas de subjetivação. In: **Entrepalavras**. Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 252-273, jul./dez. 2016

GREGOLIN, Maria do Rosário. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

GREGORI, Juciane. Feminismos e Resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos. **Revista Caderno Espaço Feminino do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher**, v. 30, p. 47- 68, 2017.

HANSEN, Fábio. (In)verdades sobre profissionais de criação: poder, desejo, imaginário e autoria. 1.ed. Porto Alegre: **Entremeios**, 2013.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. Tradução de Roberto L. Baronas e Fábio C. Montanheiro. **Linguagem**, São Carlos, n. 3, out./nov. 2008.

HENGE, Gláucia da Silva. Inconsciente e ideologia: contribuições da Análise do Discurso e da Psicanálise para a noção de sujeito. **Entretextos** (UEL), v. 16, p. 85, 2016.

HOMERO. **A Odisséia** (*Em forma narrativa*). Tradução e adaptação de Fernando C. De Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d

INDURSKY, Freda. Formação Discursiva: Ela ainda merece que lutemos por ela? In: Maria Cristina Leandro Ferreira e Freda Indursky (Org.). **Análise do Discurso no Brasil: Mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007.

LAGAZZI, Suzy. A equivocidade na imbricação de diferentes materialidades significantes. Trabalho apresentado no XXIII ENANPOLL (ANPOLL, GT Análise de Discurso), DLM, FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em <http://dlm.fflch.usp.br/sites/dlm.fflch.usp.br/files/Suzy%20Lagazzi.pdf>. Acesso jul 2020

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE, Kelma Lima Cardoso. Implicações da moral religiosa e dos pressupostos científicos na construção das representações do corpo e da sexualidade femininos no Brasil. **Cadernos Pagu**, v. 49, p. 174922, 2017.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethania. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 10, p. 391-408, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

MALDIDIER, Denise. NORMAND, Claudine. ROBIN, Régine. **Discurso e ideologia**: bases para uma pesquisa. In: Gestos de Leitura: da história no discurso. Eni Orlandi (org). 4ªed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

MARIANI, B. S. C. Silêncio e metáfora, algo para se pensar (digital). **Revista trama** (UNIOESTE. Online), v. 03, p. 55/ 4-71, 2007.

MATHIEU, Jean-Claude. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

MITTMANN, Solange. A apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais. In: **Encontro Nacional Sobre Hipertexto**, 3., 29 a 30 out. 2009, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte, MG, 2009. Disponível em: <<http://nehte.com.br/hipertexto2009/anais/a/aapropriacao-do-ciberespaço.pdf>>. Acesso em 26 nov. 2019.

MONTEIRO, H. M.; MOURA, Laura Nogueira Farias. O amor entre homens e bonecas. In: **IV Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e X Congresso Brasileiro de Psicopatologia**, O amor e seus transtornos, 2010, Curitiba.

MORAES, Maria Lygia Quartim. Feminismo e política: dos anos 1960 aos nossos dias. **Estudos de Sociologia**, São Paulo, v. 17, p. 107-122, 2012.

MORALES, Blanca. Sujeito: imaginário, simbólico e real. In: Mittmann, Solange; Grigoletto, Evandra; Cazarin, Ercília. (Org.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre, 2008, p. 34-46.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo. **IV Congresso Português de Sociologia**, Universidade de Coimbra, 17-19 de abril 2000.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira**: corpo e classe social no Brasil. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1983.

NABUCO, Joaquim. **A escravidão**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

NECKEL, N. R. M. O Discurso Artístico. In: **II seminário de Estudos em Análise do Discurso**, 2005, Porto Alegre. II seminário de Estudos em Análise do. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

ORLANDI, E. **Efeitos do verbal sobre o não-verbal**. Encontro Internacional da interação entre linguagem verbal e não-verbal", Brasília, março 1993

_____. Lexicografia Discursiva. Alfa, n. 44, p. 97-114, 2000.

_____. **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Pontes. 2004.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007a.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007b.

_____. **Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo**. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

_____. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12.ed. Pontes Editores, Campinas, SP, 2015.

PAIXÃO, Humberto Pires; SOUSA, Kátia Menezes. Da linguagem das roupas ao discurso da moda. **Revista da ABRALIN**, v. 13, p. 349, 2014.

PÊCHEUX, M., FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Trad. de Bethania Mariani [et.al]. In: GADET, F, HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. 5.ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2014.

_____. **Discurso: estrutura ou acontecimento?** Tradução: Eni P. Orlandi. 7.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. Traduzido por José Horta Nunes. In: Cadernos de Estudos Linguísticos, n19. Campinas/SP: IEL/UNICAMP, p.7-24. Jul-dez,1990.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: Mary Del Priore (org.); **Histórias das Mulheres no Brasil**. 10ª.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

RAGO, Margareth. Feminizar é preciso: por uma cultura filógena. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v.15, n.3, p.58-66, jul/set. 2001.

ROMÃO, Luiza Sousa. **Sangria**. 1.ed. São Paulo: Selo do Burro, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo. 2.ed. Expressão Popular, 2015.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, p. 765-799, 2006.

SILVA, Carmen; CAMURÇA, Silvia. **Feminismo e movimento de mulheres**. Recife: SOS

Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2010.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. Os ditos e os não-ditos do discurso: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem. **Revista da FAGED** (UFBA. Online), v. 13, p. 39-53, 2008.

SOIHET, Rachel. **Feminismos e antifeminismos**: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. Discurso e Imagem: Perspectivas de Análise do Não-Verbal. **Ciberlegenda**, v. 1, p. 15-32, 1998.

TEIXEIRA, Juliana Cristina; SARAIVA, Luiz. Alex; CARRIERI, Alexandre de Pàdua. Os Lugares das Empregadas Domésticas. **Organizações & Sociedade** (Online), v. 22, p. 161-178, 2015.

TIBURI, Marcia. Os ventríloquos e a “buceta rosa”: sobre as astúcias e as lacunas cognitivas do machismo. In: **Revista Cult**. 28 de junho de 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/machismo-buceta-rosa-russa/> Acesso em: 23 de novembro de 2019.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. **Dramatização dos corpos**: arte contemporânea e crítica feminista no Brasil e na Argentina. São Paulo: Intermeios, 2015. v. 1. 488p.

WALTY, Ivete Lara Camargo. **Palavra e imagem**: leituras cruzadas. / Ivete Lara Camargos, Maria Nazareth Soares Fonseca, Maria Zilda Ferreira Cury. -. 2a.Ed.- Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

WONS, Letícia. O poder simbólico da menstruação: Discursos científicos sob o escrutínio das epistemologias feministas. **Revista Feminismos**. UFBA. Vol.4, jan-abr. 2016.

VANIN, Iole Macedo. Feminismo Verso “Anti-feminismo” Embates Baianos. In: BONNETI, Alinne; SOUZA, Ângela Maria Freire Lima (Org.). **Gênero, Mulheres e Feminismos**. Salvador: EDUFBA: NEIM, 2011.

ANEXOS**AUTORIZAÇÃO**

Eu, Luiza Romão, autorizo Maria Daniela Leite da Silva e sua orientadora de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Solange Mittmann, à utilização estritamente acadêmica e sem fins lucrativos das imagens da obra **Sangria**, de minha autoria, na Dissertação de Mestrado e em produtos da Dissertação, como resumos, artigos e capítulos de livros.

Luiza Romão

AUTORIZAÇÃO

Eu, Panmela Castro, autorizo Maria Daniela Leite da Silva e sua orientadora de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Solange Mittmann, à utilização estritamente acadêmica e sem fins lucrativos das imagens da obra **Sangria**, de minha autoria, na Dissertação de Mestrado e em produtos da Dissertação, como resumos, artigos e capítulos de livros.

Panmela Castro